



VOANDO NAS ALTURAS

Hernandes Dias Lopes

Digitalizado e doado por: Luis Carlos

Dados Internacionais do Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lopes, Hernandes Dias

Voando nas alturas : dez princípios para uma vida bem sucedida/ Hernandes DIAS LOPES - São Paulo Editora Candeia, 1996.

Título.

h, **CONDUTA DE VIDA 2. Vida Cristã 3. Vida Espiritual**

96-2449

CCD- 200

Índices para catálogo sistemático:

1. Conduta de vida : Cristianismo 200

Título: *Voando nas Alturas*

ISBN 85-7352-013-2

Copyright © 1996 - Hernandes Dias Lopes

Coordenador de produção: *Mauro W. Terrenghi*

Digitação: *Ana Cristina Strecht* Revisão:

Prof. Antônio de Castro Filho

Fotolito, impressão e acabamento: Associação Religiosa Imprensa da Fé

1ª Edição: 1996 — 3.000 exemplares

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela: EDITORA E DISTRIBUIDORA CANDEIA Rua Belarmino Cardoso de Andrade, 108 Interlagos - São Paulo, SP — Cep 04809-270

Cód.: LV-00123

Gostaríamos de saber sua opinião sobre este livro. Escreva para a Editora Candeia

Índice

Dedicatória

Prefácio

Introdução

Capítulo 1

Príncipes e não Gafanhotos

Capítulo 2

Vivendo nas Alturas

Capítulo 3

Integridade Inegociável

Capítulo 4

Dependência do Espírito

Capítulo 5

Visão Integral

Capítulo 6

Pleno Discernimento

Capítulo 7

Liberdade Sim, Cativo Não

Capítulo 8

Fidelidade, Base de um Casamento Feliz

Capítulo 9

Quebrantamento e Renovação

Capítulo 10

Meus Filhos, Meus Discípulos

Conclusão

Dedicatória

Quando Abner, general do exército de Saul, morreu, Davi disse a seu respeito: "Hoje caiu em Israel um príncipe e um grande homem" (I Sm 3.38). No dia 30 de janeiro de 1996, tombou no campo de batalha um dos mais ilustres guerreiros de Cristo na terra brasileira. Trata-se do Rev. Dr. Oton Guanais Dourado, insigne pastor presbiteriano, ilustrado mestre por mais de 40 anos no Seminário Presbiteriano do Norte, em Recife-PE, teólogo da mais refinada estirpe e um batalhador inflamado por uma igreja evangélica mais santa, ousada e cheia do Espírito Santo. Esse gigante do protestantismo brasileiro possuía mente brilhante, inteligência rara e um conhecimento invulgar. Era um homem com a cabeça cheia de luz e o coração cheio de fogo. Sua vida muito me impactou. Viveu como servo, morreu como príncipe. A esse varão valoroso que, a exemplo de Abner, ainda fala embora morto, dedico este livro.

Que toda a glória seja dada ao Senhor Jesus, razão da nossa esperança!

O autor.

Prefácio

Há escritos que são conseqüência de pensamentos à margem da vida. Estas páginas que se seguem, porém, irão confrontá-lo com suas próprias ansiedades e expectativas, desafiando-o a voar alto, a ter a visão do Reino e a refletir sobre sua existência como santo de Deus que necessita do toque diário da misericórdia do Senhor.

Em nossas vidas, o Senhor nos leva, algumas vezes, a nos pegarmos naquilo que somos ou temos. Em outras, Ele choca-nos com a nossa própria história, promove mudanças, altera a visão, propõe nova vida. Lendo este livro, senti o desejo de Deus em desafiar o seu povo a esta nova vida, aceitando as propostas do alto, galgando as altitudes da vida cristã e, sobretudo, voando nas alturas.

Tenho visto a expressão do amor de Deus em diferentes formas e lugares diferentes. Mas no Brasil, Peru, ou entre os africanos, há algo que me impressiona: a maneira direta e chocante que o Espírito Santo usa para impactar os nossos corações com as verdades dos céus. Nestas páginas, veremos muitas destas verdades sendo expostas, e minha oração é que o Espírito de Deus alcance sua vida com essas verdades.

Conheço de perto o Rev. Hernandes Dias Lopes, desde 1989, e tenho visto este homem como um profeta do Senhor que, em nossos dias, tem sido poderosamente usado por Deus para marcar, na vida da igreja evangélica brasileira, os valores do Reino.

Este é um livro que deve ser lido com meditação profunda, pois o senhor deseja que nos tornemos como águias, que voam nas alturas.

Rev. Ronaldo Lidório

Missionário da Junta de Missões Estrangeiras da

I.P.B.

República de Glana África.

Introdução

No ano de 1995, preguei na Primeira Igreja Presbiteriana de Vitória, cuja comunidade pastoreio há 11 anos, o Rev. Luiz Wesley, secretário executivo da Associação Evangélica Brasileira. Foi uma mensagem simples, objetiva e muito inspiradora. Naquela manhã, seu sermão versou sobre a águia. Eu já havia pregado na igreja sobre o mesmo assunto, porém nunca tinha me detido com mais vagar para examinar mais detidamente as implicações do referido tema na vida prática da família e da igreja. Assim, a partir daquele dia, estas verdades começaram a se agitar em minha mente e a arder em meu coração. Debrucei-me, então, sobre os vários textos bíblicos que falam sobre a *águia*. Busquei outras fontes. Pesquisei, li, orei, meditei e, então, comecei a pregar sobre o assunto. Percebi que, à medida que ia expondo e discorrendo sobre a matéria, as pessoas ficavam maravilhadas com as lições que aprendemos com a águia, cujos princípios divinos nos levam a uma vida vitoriosa. Observei que a águia tem muito a nos ensinar. Ela é uma pedagoga de Deus. Sua vida, sua força, sua disciplina e seu cuidado com os filhos são balizas norteadoras para uma vida bem-sucedida.

Existe hoje muita gente buscando sucesso. As bibliotecas estão cheias de literatura empapuçadas de leis e regras que visam a levar o homem ao sucesso. Os homens empregam uma infinidade de métodos e

estratégias para tirar as pessoas da mediocridade e levá-las ao podium da coroação. A humanidade está ávida por tudo aquilo que lhe possa oferecer esperança. Nesse inundo marcado pela guerra, pela violência e pelo desbarrancamento da virtude, toda mensagem que visa a levantar a cabeça das pessoas, oferecendo-lhes a felicidade e os louros da vitória, é acolhida com aplausos ruidosos e efusivos.

É pena que muitos princípios que se propõem a levar o homem ao sucesso, não passam de laços que o escravizam ainda mais à miséria. **Há caminho que ao homem parece direito, mas ao Cabo dá em caminhos de morte.** Está na moda, hoje, o homem pensar que ele é uma miniatura de Deus, e que todas as leis do sucesso estão latentes no próprio homem. Basta-lhe fazer cócegas no seu íntimo e acordar-se como um gigante. O homem moderno, de fato, é um prodígio. Conquistou no campo da ciência e da tecnologia vitórias estupendas. Entretanto, ele continua sendo, paradoxalmente, um ser caído, fraco e doente no sentido moral, morto espiritualmente, muito necessitado e dependente da misericórdia de Deus. O homem sem Deus é um ser arruinado, desfigurado, embrutecido. Os princípios do sucesso genuíno não estão escondidos no tesouro do coração humano. Pelo contrário, esse coração corrupto e enganador é a fonte de toda a desgraça que avilta e destrói a raça humana.

Creemos que os princípios para o sucesso verdadeiro vêm do céu, emanam do Trono de Deus, vertem-se da sua Palavra. Não se trata de confissão positiva, pensamento positivo, meditação transcendental. O sucesso autêntico não tem sua gênese no próprio homem. O segredo da vitória, as leis do sucesso, as balizas para uma vida sábia e feliz estão exaradas na Palavra de Deus. O homem que debruça

sobre esses princípios e os cumprir é bem-sucedido (Js 1.8).

Convido você a caminhar comigo pelas páginas das Escrituras, olhando para os dez princípios de Deus que o conduzirão a uma vida radicalmente diferente.

Deus não o criou para se arrastar pela vida. Levante a cabeça. Ponha seus olhos nas alturas. Ponha seu coração em Deus. Olhe para a águia. A partir deste momento vamos aprender com ela. Ela será nossa pedagoga. Esta aventura vai valer a pena. Não se esqueça de nenhuma das lições e, então, certamente, você também voará alto, rumo às grandes vitórias, na força de Deus e para a glória do Pai.

Capítulo 10

Príncipes e não Gafanhotos

No mundo inteiro, a águia é símbolo de nobreza. Pela sua força, alteza e vigor ela desponta-se como campeã indiscutível deste símbolo de grandeza. A águia é forte, viva, corajosa, vencedora, símbolo daqueles que esperam no Senhor.

O povo de Deus é como a águia. É um povo forte. É um povo guerreiro. É um povo que triunfa sobre as tempestades. É um povo vencedor. É um povo que não retrocede diante das procelas borrascosas, não teme o perigo, nem se intimida com as ameaças do adversário. É um povo que marcha altaneiramente, segundo as leis do céu, rompendo barreiras, vencendo grilhões, conquistando as alturas, refugiando-se no regaço do Deus todo-poderoso.

É preocupante, entretanto, perceber que existem, hoje, muitos cristãos vivendo um projeto diferente de vida. Ao contrário da águia, são tímidos, fracos, impotentes, dominados pelo medo. Longe de triunfar nas crises, soçobram vencidos e caminham pela vida cabisbaixos, derrotados e tristes.

É lamentável constatar como tantos cristãos vivem dominados pelo complexo de inferioridade, esmagados pela prejudicada auto-estima, com a auto-imagem achatada. São pessoas que vivem amargando e curtindo um profundo sentimento de auto-repúdio e desvalor. Estes, olham para dentro de si mesmos e enxergam-se com lentes embaçadas e olhos míopes, lendo de si mesmos os conceitos mais distorcidos e deslunetados.

Há pessoas que são como os dez espias de Israel. Eles eram príncipes, nobres, homens de escol. Foram escolhidos criteriosamente por serem homens fortes, inteligentes, líderes, representantes ilustres de suas tribos. Moisés os enviou para conhecerem a terra prometida e depois, com relatos vivos, incentivarem o povo a lutar com galhardia na conquista dela. Eles foram. Passaram lá quarenta dias. Ficaram deslumbrados com a exuberância da terra. Era uma terra fértil, boa, que manava leite e mel. Era tudo quanto Deus já havia falado para eles. Voltaram da jornada com os frutos excelentes da terra. Todavia, na hora de dar o relatório, disseram a Moisés e ao povo que a terra era boa, mas devorava os seus habitantes; a terra manava leite e mel, mas eles não conseguiriam entrar lá; pelo contrário, morreriam no deserto, comendo pó, pois lá havia gigantes ameaçadores e imbatíveis, e, aos olhos deles, eles eram como gafanhotos. Vejam, eles eram príncipes, mas sentiram-se diminuídos diante dos gigantes. Eles eram nobres, mas sentiram-se desprezíveis. Eles eram valorosos, mas sentiram-se como insetos. Eles foram tomados por um sentimento doentio de auto-desvalorização e, conseqüentemente, de impotência.

Há um batalhão de pessoas hoje derrotadas pela síndrome de gafanhoto. Gente que se considera um inseto. Estes caminham pela vida cabisbaixos, vencidos, desanimados, desencorajados para a luta. Não crêem nas promessas de Deus. Só olham para as dificuldades, para os gigantes e não para Jesus. São pessoas que vivem choramingando, entoando o cântico triste e amargo de suas derrotas antecipadamente. Acham que nada vai dar certo na vida, que não adianta lutar e que estão engajados numa causa perdida e sem esperança. Há muitas pessoas que foram vencidas não pelo gigante

das circunstâncias, mas pelo gigante de seus sentimentos turbulentos. Estes caminham pela vida cantando como a galinha-d'angola: "Tô fraco, tô fraco, tô fraco." Eles dizem que nada vai dar certo, não vão conseguir, não adianta lutar, há gigantes no caminho.

Aqueles dez espias conseguiram contaminar todo o arraial de Israel com o seu pessimismo e toda aquela multidão se alvoroçou rebelada contra Moisés, insurgindo-se contra Deus, porque foi envenenada pela síndrome de gafanhoto. Toda aquela multidão perambulou quarenta anos no deserto, porque deu ouvidos à voz dos arautos do caos e não às promessas do Deus fiel.

Vejam os no livro de Números, capítulos 13 e 14 o que produz esta síndrome de gafanhoto: **I. Os sintomas da síndrome de gafanhoto.** 1º) *Senso de fraqueza* - "Não poderemos subir..." (Nm 13.31). Estes homens anularam a Palavra de Deus, duvidaram do seu poder e só enxergaram os obstáculos. Por que tiraram os olhos de Deus e só olharam para as circunstâncias adversas, naufragaram como Pedro, no mar da Galiléia. 2º) *Complexo de inferioridade* - "... porque é mais forte do que nós" (Nm 13.31). De fato, as cidades que eles deviam conquistar eram grandes, mas Deus é maior. As muralhas eram altas, mas Deus é altíssimo e tremendo. Os gigantes eram fortes, mas Deus é o Todo-poderoso.

3º) *Arautos do caos* - "E diante dos filhos de Israel infamaram a terra" (Nm 13.32). Quando as pessoas estão contaminadas por este vírus maldito do pessimismo, elas difamam a Deus e chasqueiam de suas bênçãos. Escarnecem das promessas divinas e se tornam pregoeiras do desânimo. 4º) *Fraca auto-estima* e éramos aos nossos próprios olhos como gafanhotos..." (Nm 13.33). Eles eram príncipes, mas se encolheram. Sentiram-se como insetos, sob a bota dos gigantes. De

príncipes a gafanhotos. De filhos do rei a insetos. 5º) *Visão distorcida da realidade* - "... éramos gafanhotos aos seus olhos" (Nm 13.33). Aqueles espias raciocinaram assim: eles são gigantes e nós pigmeus. Eles são fortes e nós fracos. Eles são muitos e nós poucos. Eles vivem em cidades fortificadas e nós no deserto. Eles são guerreiros e nós peregrinos. Eles olharam as coisas pelo avesso. Por isso, arrastaram-se no pó, sentiram-se indignos, menos do que príncipes, menos do que homens, menos do que gente, gafanhotos, insetos.

II. Os efeitos da síndrome de gafanhotos.

1º) *Induz o povo no desespero* - "... e o povo chorou aquela noite" (Nm 14.1). Toda a congregação chorou. Só viram as suas impossibilidades e não as possibilidades de Deus. Ficaram assombrados, estupefatos, arrasados. Não viram saída. Não enxergaram uma luz no fim do túnel. Para eles não havia solução. Por isso se entregaram ao choro do desespero e da derrota.

2º) *Induz o povo à murmuração* - "Todos os filhos de Israel murmuraram..." (Nm 14.2). Na hora das dificuldades, em vez do povo se voltar para Deus como libertador, o viu como opressor. Acusaram a Deus. Murmuram contra ele.

3º) *Induz o povo à ingratidão* - "...antes tivéssemos morrido no Egito" (Nm 14.2). O povo, alvoroçado, esqueceu-se da bondade de Deus, do livramento de Deus, das vitórias de Deus.

4º) *Induz à insolência contra Deus* - "E por que nos traz o Senhor a esta terra, para cairmos à espada..."(Nm 14.3). Contaminados pela síndrome de gafanhotos, o povo acusou a Deus. Infamaram o Senhor. Insultaram com palavras descaridas o Deus Todo-poderoso. Disseram com insolência que Deus era o causador de

seu infortúnio e O responsável pela crise que estavam vivendo.

5°) *Induz a apostasia* - "Não nos seria melhor voltarmos para o Egito?" (Nm 14.3). Não há nada que entristece mais o coração de Deus do que ver o seu povo arrependido de ter se arrependido. Nada fere mais o coração de Deus do que ver o seu povo ultrajar a sua graça e querer voltar atrás, sentindo saudades do Egito. Aquele povo enfatiou-se de Deus, da sua direção, da sua companhia e de seu sustento. Eles se esqueceram dos benefícios de Deus e dos açoites dos carrascos.

6°) *Induz à amotinação* - "Levantemos a um para nosso capitão, e voltemos para o Egito" (Nm 14.4). O povo insuflado pelos espias, queria agora outros líderes que os guiassem de volta ao Egito. Eles se rebelaram contra Deus e rejeitaram o comando de Moisés. Houve uma insurreição, um motim, uma conspiração de trágicas conseqüências no arraial do povo de Deus.

7°) *Induz à rebeldia contra Deus* - "Tão-somente não sejais rebeldes contra o Senhor..." (Nm 14.9). Amar mais o Egito do que o Deus da promessa é rebeldia. Não crer na Palavra de Deus e se intimidar diante dos gigantes deste mundo é rebeldia. Não andar pela fé é rebeldia.

8°) *Induz ao medo do inimigo* - "... e não temais o povo dessa terra..." (Nm 14.9). O medo vê fantasma. Os discípulos, no mar da Galiléia, porque estavam com medo, viram Jesus andando sobre as ondas e gritaram: é um fantasma! O medo altera as situações. Josué e Calebe, os dois espias que ousaram crer nas promessas de Deus, viram os gigantes não como inimigos imbatíveis, mas como pão que seria triturado. Os dez espias sentiram-se diminuídos e viram-se como gafanhotos. Josué e Calebe viram-se como um povo invencível. 9°) *Induz a perseguição contra a liderança*

instituída por Deus "... toda a congregação disse que os apedrejassem" (Nm 14.10). Em vez de obedecer à voz de Deus, o povo rebelde decidiu apedrejar os líderes que Deus constituíra. Não queriam mudar de vida e, por isso, queriam mudar de lideran-

III- O que fazer quando se constata que o povo está afetado pela síndrome de gafanhoto?

1º) *Quebrantamento diante de Deus* - "Então Moisés e Arão

caíram sobre os seus rostos.....e Josué e Caleb rasgaram as suas vestes..." (Nm 14.5 e 6). Na hora da crise aguda não adianta discutir, brigar, argumentar, fomentar, jogar uns contra os outros e espalhar boatos. É preciso quebrantamento, humildade, boca no pó.

2º) *Firmar-se nas promessas infalíveis da Palavra de Deus* - "A terra pelo meio da qual passamos a espiar é terra muitíssimo boa" (Nm 14.7). Não devemos ser influenciados pelos comentários, pelas críticas e pela epidemia do desânimo. Pelo contrário, devemos nos arraigar na Palavra de Deus e colocar nela toda a nossa confiança.

3º) *Conhecer as estratégias de Deus para a vitória* - a) "Se o Senhor se agradar de nós..." (Nm 14.8). Quando Deus se agrada do seu povo, ele se torna imbatível. b) "...o Senhor é conosco; não os temais" (Nm 14.9). A nossa vitória não advém da nossa força, mas da presença de Deus conosco, e) "Tão-somente não sejais rebeldes contra o Senhor..." (Nm 14.9) . Não há vitória no arraial do povo de Deus, enquanto houver no seu meio a erva daninha da rebeldia.

IV- Como Deus trata a questão da síndrome de gafanhoto no meio do seu povo?

1º) Deus traz livramento aos que crêem na sua Palavra - (Nm 14.10) .

2º) Deus mostra seu cansaço com a incredulidade do povo diante de tantos sinais do seu favor e da sua bondade - (Nm 14.11) .

3º) Deus perdoa ao povo em resposta à oração - (Nm 14.20).

4º) Deus não retira as conseqüências do pecado - (Nm 14.21-23). Eles viram a glória e os prodígios de Deus. Mas, mesmo assim, eles puseram Deus à prova dez vezes (Nm 14.22). Eles não obedeceram à voz de Deus (Nm 14.22) e acabaram por desprezar a Deus (Nm 14.23). Então, Deus mudou o rumo da viagem deles (Nm 14.25). Tiveram que perambular pelo deserto um ano por um dia que espiaram a terra prometida (Nm 14.34). Eles não entrariam na terra de Canaã (Nm 14.29-31). A sentença de Deus contra eles foi a de não terem o que desprezaram, não teriam a terra prometida (Nm 14.31). Vocês terão o que desejaram: morrer no deserto (Nm 14.31).

5º) Deus galardoa os que crêem na sua Palavra - (Nm 14.24 e 25). Josué e Calebe entraram na terra prometida. Eles confiaram em Deus e Deus os honrou.

A terra prometida e não o deserto é onde devemos viver. Somos príncipes e não gafanhotos. É hora de tapar os ouvidos às vozes agourentas do pessimismo e nos erguermos com santa ousadia para uma vida vitoriosa.

Certa feita, entrou em meu gabinete pastoral uma mulher, membro de uma igreja evangélica, chorando convulsivamente. Depois de algum tempo, ela se recompôs e me disse: Pastor, eu pensei que não teria coragem de abrir o meu coração neste primeiro encontro de aconselhamento. Mas, quando estava me preparando para vir, minha vizinha pulou da varanda de seu

apartamento e se arreventou no asfalto, ficando com seu corpo todo mutilado. Com voz embargada e olhos fuzilantes, ela me disse: Pastor, eu é quem ia fazer isto hoje. Eu não quero mais viver.

- Perguntei-lhe: por que você não quer mais viver?

- Ela me respondeu: E que eu sou um problema. Eu não mereço viver. Eu não posso mais viver.

- Mas por que você pensa assim?

- Ela me disse: meu pai sempre me disse que eu era um problema. Quando fiquei jovem, casei-me para sair de casa. Então, vi no meu marido o retrato de meu pai. Ele também me disse que eu era um problema. Divorciei-me e me casei a segunda vez. Meu segundo marido não era diferente do meu pai. Então divorciei-me e me casei a terceira vez. Agora percebo que meu terceiro marido me diz as mesmas coisas que o meu pai me dizia. Com os olhos perdidos e a alma inundada num mar de desesperança, aquela pobre mulher me disse: - Pastor, eu sou um problema. Eu quero morrer.

Senti compaixão por aquela mulher e lhe disse três coisas que são princípios de Deus para erradicar do coração enfermo esta terrível semente da síndrome de gafanhoto:

a) Você não é o que você pensa que é - Tem gente que está doente, contaminada pelo vírus do pessimismo, derrotada pela febre da fraca auto-estima, esmagada debaixo do tacão cruel do complexo de inferioridade, gente com síndrome de gafanhoto. Há cristãos, filhos do Deus altíssimo, que vivem um arremedo de vida, andam encurvados, caquéticos, porque não sabem quem são e o que têm em Cristo Jesus. Por verem tantos gigantes e problemas à sua frente, sentem-se como insetos, enquanto são príncipes.

b) Você não é o que as pessoas dizem que você é - Talvez você enfiou na sua mente, introjetou no seu

coração uma palavra de maldição despejada sobre a sua vida. Talvez você agasalhou e arquivou no cofre da sua memória uma palavra de fracasso que seu pai, sua mãe, seu marido, seu professor, seu patrão lhe disseram e, a partir daí, você começou a cultivar um sentimento de desvalor e de fracasso, sendo um produto do que as pessoas lhe disseram. Por favor, não aceite a decretação da desgraça em sua vida. Maldição sem causa não se cumpre. Reaja. Faça o que a mãe de Thomaz Alva Edison fez quando sua professora foi lho devolver, dizendo que ele era incapaz de aprender. Aquela mãe não aceitou passivamente a decretação da derrota na vida do filho, investiu nele e ele veio a ser um dos maiores e mais ilustrados cientistas de todos os tempos.

c) Você é o que Deus diz que você é. Aquele que espera em Deus, crê no seu Filho e foi regenerado pelo Espírito Santo não é o que pensa que é, nem o que as pessoas dizem que é, mas é o que Deus diz que ele é. O que é que Deus diz que somos? Somos eleitos e amados por Deus desde os tempos eternos. Somos chamados com santa vocação. Somos regenerados, selados e habitados com o Espírito Santo. Somos remidos e comprados pelo sangue do Cordeiro. Somos propriedade exclusiva de Deus. Somos habitação de Deus. Somos filhos do Rei. Somos herdeiros de Deus, a herança de Deus, embaixadores de Deus, a menina dos olhos de Deus. Somos corpo de Cristo, ramos da videira verdadeira, noiva do cordeiro, povo mais do que vencedor. Somos nobres. Corre em nossas veias mais do que sangue azul. Somos filhos do Rei dos reis, herdeiros de suas promessas. Nós somos o que Deus diz que somos. Ele é fiel. Sua Palavra é a verdade. Ela não pode falhar. Somos como a águia. Somos príncipes e não gafanhotos!

Capítulo 2

Vivendo nas Alturas

O caminho da águia é no céu (Pv 30.19). Ela não foi criada para viver se arrastando nos vales da vida e nas depressões da terra. Deus a criou para as alturas. Com base neste fato, queremos destacar três lições da mais alta importância para a sua reflexão:

I- A águia voa alto.

A águia tem vocação para as alturas. Ela é a rainha do espaço, a campeã dos vôos altaneiros. Ela galga as alturas excelsas com suas possantes asas e voa com segurança e prodigiosa desenvoltura sobre o pico dos mais altos montes. Ela não é como o inhambu que vive tomando tiro na asa, presa fácil dos caçadores, porque só voa baixo.

Há muitas pessoas que vivem também num plano muito inferior, voando baixo demais, sofrendo ataque de todos os lados, porque não saem das zonas de perigo, vivem pisando em terreno minado, vivem com os pés no território do adversário. Por isso, constantemente estão feridas, machucadas, porque não alçaram vôo um pouco mais para cima.

Há crentes que vivem arraigados no mundo, estão na igreja, mas não se libertaram do mundo. São crentes que se conformam com o presente século. Adaptam-se aos esquemas e valores do mundo, seguem o curso do

mundo e são amigos do mundo. São pessoas de coração dividido, que querem servir a Deus, mas não estão dispostas a renunciar o mundo. Amam os prazeres do mundo, vivem para agradar os ditames da carne e satisfazer seus desejos imediatos.

Como é triste perceber que muitos crentes têm sido seduzidos pelas atrações e prazeres efêmeros do mundo! Como Esaú, vendem o seu direito de primogenitura por um prato de lentilhas. Trocam a paz de uma consciência pura por um momento de prazer. Trocam a alegria da salvação por um minuto de pecado.

Há crentes, hoje, que estão em amargura de espírito, no laço do passarinho, debaixo de opróbrio e vergonha, porque brincaram com a graça de Deus, foram profanos e zombaram do pecado. A Bíblia diz que quem zomba do pecado é louco (Pv 14.9).

Sansão era um homem consagrado a Deus. Era um nazireu. Como tal não podia tocar em cadáver, beber vinho nem cortar o cabelo (Nm 6.1-4). Estes eram os seus votos de consagração ao Senhor. Sansão cresceu num lar piedoso. Seus pais andavam com Deus. Ele era um jovem forte, poderoso, muitas vezes possuído e usado pelo Espírito Santo. Mas Sansão não perseverou na santidade, Ele brincou com o pecado. Ele não levou Deus a sério. Ele fez pouco caso de seus votos de consagração. Por isso, foi afrouxando seus compromissos, foi transigindo com o pecado, foi anestesiando sua consciência, foi caminhando em direção ao abismo, foi descendo para os lugares baixos e tenebrosos, afogando sua alma no lodaçal pestilento da desobediência. Sansão quebrou o seu primeiro voto de consagração ao procurar mel na caveira de um leão morto (Jz. 14.8 e 9). Há muitos crentes, hoje, também, procurando doçura e prazer no pecado. Sansão quebrou seu segundo voto de consagração ao dar um banquete

de sete dias, regado a vinho, para seguir a moda dos jovens de sua época (Jz 14.10). Sansão caiu quando quis seguir a moda. Sansão não teve coragem para ser diferente. Ele cedeu à pressão do grupo. Ele tornou-se massa de manobra. Em vez de influenciar, foi influenciado. O povo de Deus precisa ter fibra. O cristianismo não serve para gente covarde (Ap 21.8). Não vivemos para agradar a homens (Gl 1.10). Há muitos pais cristãos que ao celebrarem a festa dos 15 anos de suas filhas ou as bodas de casamento, regam a festa com cerveja e *wisky*, porque têm medo de quebrar as etiquetas sociais. Não têm mente de Cristo. Vivem não pelas leis do céu, mas pelas imposições do mundo.

Sansão quebrou o seu terceiro voto de consagração, depois de macular sua honra, deitando-se com uma prostituta em Gaza (Jz 16.1). Dali saiu e deitou no colo de uma mulher ímpia e traidora. Sansão era um gigante. Sua força era descomunal, colossal, hercúlea. Sozinho venciam exércitos. Ninguém podia subjugar-lo. Ele era invencível. Mas o pecado o derrubou. Ele ficou preso pelas próprias cordas do seu pecado. Ele tornou-se cativo de suas paixões. Ele dominava exércitos, mas não conseguiu dominar seu próprio coração. Ele venceu com uma queixada de jumento mil filisteus (Jz 15.15), mas foi vencido pelas suas paixões sexuais. Seu cabelo foi cortado, seu voto foi quebrado. O Espírito de Deus retirou-se dele (Jz 16.19 e 20). Tornou-se, então, um homem comum, fraco, impotente. Os inimigos o subjugaram, vazaram-lhe os olhos. Seu nome significa sol, mas ele ficou em profunda escuridão. Foi vencido porque, em vez de voar nas alturas como a águia, ficou ciscando lixo e entulho, como uma galinha, com os pés na lama.

Deus nos chamou para voar como a águia. Diz o apóstolo Paulo: "Portanto, se fostes ressuscitados

juntamente com Cristo, buscai as cousas lá do alto, onde Cristo vivi", assentado à direita de Deus. Pensai nas cousas lá do alto, não nas que são aqui da terra" (Cl. 3.1 e 2).

II- A águia voa cada vez mais alto.

A águia tem uma característica muito interessante, Quando ela faz o seu segundo vôo, ele é mais alto do que o primeiro. Quando ela faz o seu terceiro vôo, ele é mais alto do que o segundo. Ela sempre se esforça para voar cada vez mais alto. Com isto, ela tem uma lição muito profunda a nos ensinar. Se os que confiam no Senhor são como a águia, então nós não precisamos viver uma vida de altos e baixos. Há muitos crentes que são instáveis demais. Sua fé oscila como a onda do mar. Não se firmam. Não crescem. Não amadurecem. São reincidentes em repetidas quedas. São crentes inconstantes, ora entusiasmados e cheios de vigor, ora curtindo um desânimo doentio. São crentes como Pedro antes do Pentecoste: fazem bonitas e profundas declarações sobre a messianidade de Jesus mas se deixam ser usados pelo diabo (Mt 16.15-23). Por um instante são ousados, mas depois se acovardam. Há momentos que Juram fidelidade a Jesus; logo depois o negam vergonhosamente.

Deus não nos chamou para vivermos um projeto de derrota e fracasso. Com Cristo a vida é sempre de triunfo (II Co 2.14). Com ele somos mais do que vencedores (Rm 8.37). A nossa dinâmica não é dar cinco passos para frente e quatro para trás, mas é caminhar de força em força, sempre para frente, para o alvo, que é Cristo Jesus.

III- A águia voa acima da tempestade.

A águia ainda nos ensina uma terceira lição: sempre que ela divisa no horizonte a chegada de uma tempestade borrascosa, sempre que ela vê as nuvens escuras e os relâmpagos riscando o céu, sempre que ela ouve o ribombar dos trovões, ela agiganta ainda mais os seus esforços e voa com intrepidez para as grandes alturas, pairando acima da tempestade, onde sobrevoa em perfeita bonança.

Temos, também, em nossa jornada, muitas tempestades. Muitas delas são ameaçadoras e perigosas. É insensatez viver abaixo da borrasca e sofrer os eleitos catastróficos da tempestade, se podemos voar para o alto e desfrutar de tempos de refrigério e bonança nos braços do Deus vivo.

O segredo na hora da crise é voar um pouco mais alto e nos agasalharmos debaixo das asas do Deus onipotente. Ele é a nossa torre de libertação. Ele é o nosso alto refúgio. Ele é o nosso esconderijo seguro. Ele é a nossa cidade refúgio. Ele é o nosso abrigo no temporal.

Muitos crentes, entretanto, em vez de fugir do temporal, causam mais tempestade. São como Jonas, provocadores de vendaval. Sempre que o crente deixa de obedecer a Deus, em vez de bênção, torna-se maldição; em vez de ajudar as pessoas ao seu redor, é um estorvo; em vez de ser um aliviador de tensões, é um provocador de tragédias. Todo crente na rota da fuga de Deus é uma ameaça, pois não apenas vive debaixo da tempestade, mas a sua vida é a própria causadora da tempestade.

A atitude acertada não é fazer como o avestruz, que ao ver o perigo, esconde a cabeça na areia, julgando com isto que o problema está eliminado. Na tempestade não adianta fugir nem se esconder. O segredo é voar alto e refugiar-se nos braços do Senhor.

Capítulo 3

Integridade Inegociável

Precisamos de sabedoria para aprender algumas lições com os animais: a formiga nos ensina a ser providência; as abelhas, a técnica da organização; a ovelha, a necessidade da dependência do pastor; os pardais, a confiança na providência divina.

Há coisas lindas e profundas no reino animal. Uma delas é o sentido do vôo dos gansos. No outono, quando se vêem bandos de gansos voando rumo ao Sul, formando um grande "V" no céu, indaga-se o que a ciência já descobriu sobre o porquê de voarem desta forma. Sabe-se que, quando cada ave bate as asas, move o ar para cima, ajudando a sustentar a ave imediatamente de trás. Ao voar em forma de "V", o bando se beneficia de pelo menos 71% a mais de força de vôo do que uma ave voando sozinha. Assim também, pessoas que têm a mesma direção e sentido de comunidade podem atingir seus objetivos de forma mais rápida e fácil, quando viajam beneficiando-se de um impulso mútuo. Sempre que um ganso sai do bando, sente, subitamente, diminuir sua resistência e a conseqüente necessidade de esforço adicional para continuar voando sozinho. Rapidamente, ele entra outra vez em formação para aproveitar o deslocamento de ar provocado pela ave que voa imediatamente à sua frente. Se tivermos o mesmo sentido dos gansos, manter-nos-emos em formação com os que apontam o caminho por onde também desejamos seguir. Quando o ganso líder se cansa, ele muda de posição dentro da formação e outro ganso assume a liderança. Vale a pena nos revezarmos em tarefas difíceis, e isto serve tanto para as pessoas

quanto para os gansos que voam rumo ao Sul. Os gansos de trás gritam encorajando os da frente para que mantenham a velocidade. Que mensagem passamos quando gritamos de trás? Finalmente, quando um ganso fica doente ou é ferido por um tiro e cai, dois gansos saem de formação e o acompanham para ajudá-lo e protegê-lo. Ficam com ele até que consiga voar novamente ou até que morra. Só então, levantam vôo sozinhos ou em outra formação, a fim de alcançar seu bando. Se tivéssemos o sentido dos gansos, também ficaríamos um ao lado do outro assim.

Deixemos agora o ganso e voltemo-nos para a águia. Ela também tem algo profundo a nos ensinar através do seu vôo.

I- Transparência.

A águia tem uma capacidade fantástica de voar em linha reta como uma flecha, como um projétil. Seu vôo não é em círculo nem sinuoso.

Que lição isto nos comunica? Os que esperam no Senhor precisam também voar em linha reta, ou seja, precisam ser transparentes e íntegros. A vida do cristão não pode ter sinuosidades. Não pode ter nada escondido e secreto. O cristão é filho da luz e deve viver na luz, sem máscaras, sem disfarces. Nossa palavra precisa ser sim, sim; não, não. Nossa vida precisa ser coerente. Precisa existir uma adequação perfeita entre o que falamos e as nossas ações. Não podemos dizer uma coisa e fazer outra.

E triste ver como tantas pessoas hoje vivem com máscaras. Há máscaras de todos os tipos, de todas as formas. As máscaras são a mercadoria mais vendida no mercado religioso. Elas fazem parte da indumentária da maioria dos cristãos. Muitos de nós, como Moisés, tentamos encobrir nossa glória desvanecente com o véu

da super-espiritualidade. Passamos aos outros uma imagem perfeita no palco da vida, quando as coisas atrás dos bastidores não estão nada bem. Muitos hoje estão fazendo da vida um teatro. Estão sempre representando um papel diferente do que na verdade são. Outras vezes, vivem vidas duplas, assumem posturas diferentes, de acordo com suas conveniências, são piedosos na igreja e agressivos em casa. Tratam os colegas de trabalho com lhanza e polidez, mas o cônjuge e os filhos com dureza e brutalidade. São cavalheiros e gentis com os de fora, mas ríspidos e mal educados com os de casa. São anjos na igreja e demônios em casa. São como Naamã: heróis lá fora, mas doentes em casa. Quando chegam à casa e tiram as máscaras, estão cheios de lepra repugnante.

Estava certa feita participando de um Congresso da VINDE e num seminário sobre família, onde discutíamos os problemas conjugais, lemos o bilhete anônimo de uma esposa angustiada: "Meu marido ora uma hora por dia, mas depois que se levanta da oração é um cavalo."

Há jovens que são doces como o mel e macios como o veludo quando conversam com seus amigos. São modelos de respeito e educação. Mas muitas vezes, estes mesmos jovens, ao chegarem à casa, se desfiguram, se embrutecem e tratam os pais com desamor, com desrespeito e tornam-se motivos de dor e lágrimas para a família.

Deus espera do seu povo uma vida coerente. Não há maior obstáculo para o progresso do Reino de Deus do que uma pessoa dizer-se cristã e viver de forma desordenada. O subcristianismo é pior do que o anticristianismo. Um crente sem integridade é pior do que um ateu.

Não houve pecado que despertou maior ira em Jesus do que a hipocrisia dos fariseus. Eles não eram coerentes. Diziam-se santos, mas seus atos reprovavam suas palavras. Suas atitudes eram uma negação de sua teologia. Estavam sempre fazendo incursões na vida alheia para descobrir as mínimas falhas, mas não enxergavam seus pecados gritantes. Eram intransigentes com os outros e complacentes consigo mesmos. Gostavam de regras e normas, eram legalistas e fiscais da vida dos outros, mas viviam um projeto de vida fracassado. Eram bonitos por fora, mas podres por dentro. Eram sepulcros caiados.

A igreja de Deus precisa ter a integridade de José do Egito que prefere ser preso a pecar contra Deus. Precisa ter a honestidade de Daniel que corre risco de vida, mas não se contamina com o mundo. Mesmo investigado por seus inimigos, nada descobrem a seu respeito senão que é um homem íntegro e temente a Deus. Precisamos ter a firmeza de Neemias que não cedeu as pressões do inimigo e jamais desceu de sua posição para o diálogo da sedução. O cristão não pode transigir com o pecado. Ele não pode ser conivente com o erro. Ele não pode ser corruptor nem corrompido. Ele não pode usar dois pesos e duas medidas. Seu caminho não pode ser sinuoso. Ele deve voar reto como a águia. II- Em círculo não, para frente.

A águia voa reto porque ela tem um alvo definido. Ela sabe de onde veio e para onde vai. Ela não vive sem rumo, sem referencial, sem destino certo, Ela voa para frente. Ela não está perdida existencialmente. Ela não vive estagnada como a preguiça. Ela não anda para trás como o caranguejo. Ela revela no seu vôo desenvolvimento, progresso, crescimento, avanço.

Há pessoas que, diferentes da águia, são como o urubu. O vôo do urubu não é em linha reta, mas em

círculo. Ele voa para lugar nenhum. Ele voa sem avançar para frente, sem progredir. Há pessoas que passam a vida inteira voando em círculo, sem nenhum crescimento. Entra ano e sai ano dando volta em torno de si mesmos, ao redor dos mesmos problemas, presos aos mesmos pecados. Não há nenhum avanço. Não há evidência de nenhum amadurecimento. Estas pessoas vivem a triste realidade da estagnação. Vivem o drama de não sair do lugar. São como Sansão que, por zombar do pecado, caiu nas mãos do inimigo; e agora, cego, começou a dar voltas, em círculo, empurrando um moinho (Jz 16.21). r

É doloroso constatar como tantos crentes, mesmo depois de tantos anos ligados à igreja, não revelam nenhum crescimento. São bebês espirituais, estão ainda nos rudimentos da fé, dando voltas em círculo, sem nenhum progresso espiritual. São crentes antigos que ainda não conhecem a Palavra. Vivem o sono da letargia. Não oram, não estudam a Bíblia, não jejuam, não evangelizam, não entregam o dízimo, não trabalham no Reino de Deus. São crentes parasitas. São crentes veteranos de bancos de igreja que ainda não sabem como conduzir uma vida a Jesus nem sabem dar razão da sua fé; são crentes nanicos, imaturos e infrutíferos.

O que é mais grave é que num mundo cinético, quem pára, retrocede. Quem não cresce, atrofia. Quem não trabalha, dá trabalho. Quem não evangeliza, precisa ser evangelizado.

Quem não ajuda, estorva. Quem não ajunta, espalha. Quem não se esforça, é um peso morto. O ramo que não dá fruto é cortado e lançado no fogo. Quem enterra seus talentos, é lançado nas trevas, onde há choro e ranger de dentes (Mt 25.30).

Voltemos ao vôo do urubu. Sempre que ele voa em círculo, sobrevoa onde há putrefação, o mau cheiro e tudo aquilo que provoca náuseas e repugnância.

Assim também, quando o crente não progride em sua maturidade cristã, ele não só fica estagnado, mas começa a se deter nas regiões mal cheirosas. Por não caminhar para frente, sente uma atração mórbida e doentia por tudo aquilo que é fétido e nauseabundo. Esta é uma marca do crente atrofiado e imaturo: ficar mergulhado e envolvido com tudo aquilo que cheira mal. Estas pessoas sentem-se seduzidas por problemas. Gostam de ouvir e espalhar fofocas. Apreciam discussões tolas e infrutíferas. Amam descobrir podridão na vida alheia. Para estas pessoas, quanto pior, melhor. Elas não sabem sobreviver sem se alimentarem da desgraça dos outros. Nutrem-se da desventura alheia. Alegam-se com a ruína dos outros. A morte dos outros é a sua vida. Estes são como o urubu.

Que Deus nos livre desta patologia. Que Deus nos livre da estagnação. Que possamos sacudir o jugo da letargia. É tempo da igreja acordar, trabalhar e crescer. Para frente é que devemos andar. Somos como a águia!

Capítulo 4

Dependência do Espírito

Os cientistas descobriram que a águia tem asas enormes, gigantescas, pelo menos em relação ao tamanho do seu corpo. Suas asas são desproporcionais ao tamanho do corpo. Será por quê? Será um erro anatômico do criador? Uma deformidade? Um detalhe sem importância? Não. Tudo o que Deus faz tem um propósito. Para Deus não existe acaso em nenhuma de suas obras. Tudo tem uma razão de ser.

Os estudiosos descobriram que a águia, pelo fato de fazer vôos muito altos e de longas distâncias, não poderia ruflar as asas como um beija-flor, porque assim, ela se cansaria e não poderia ficar por longos períodos no ar. Sendo ela a rainha do espaço, a campeã das alturas, a heroína dos vôos longínquos, ela precisa ter asas grandes e hercúleas. Assim, a águia, quando galga as alturas excelsas, simplesmente abre suas asas fortes e planando no ar, deixa que a força do vento a carregue.

Isto encerra uma lição tremenda para nós. Se queremos também alçar vôos altos e atingir longas distâncias, não poderemos voar na nossa própria força, movidos pela nossa própria destreza. Não obteremos grandes resultados, trabalhando estribados no nosso

próprio esforço. Vamos ficar cansados e fatigados e os frutos do nosso trabalho serão escassos, se nossa força motriz estiver arraigada em nós mesmos. Na força da carne, vamos ficar estafados, vamos fazer muitos ruídos, vamos ruflar as asas com grande empenho, mas não vamos alcançar os horizontes largos de uma vida abundante.

Se queremos atingir as alturas da comunhão com Deus e ter o progresso de uma caminhada rápida e veloz, na direção da vontade de Deus, precisamos voar na força do vento do Espírito. Devemos ser guiados pelo vento, e voarmos na direção do vento.

Não é por força nem por poder que avançamos, mas pelo Espírito de Deus. A igreja hoje tem métodos modernos, tem estrutura sólida, tem organização eficiente, tem material humano capacitado, tem recursos financeiros abundantes, mas tem feito vôos muito baixos e voa distâncias muito curtas. A igreja precisa conhecer, na prática, a realidade do poder de Deus. Não basta ter boa teologia acerca do poder de Deus, é preciso experimentar esse poder. Não basta ser um teórico das grandes verdades espirituais, é preciso vivenciá-las. A igreja carece de poder para viver uma vida mais pura, mais santa e mais perto de Deus. A igreja precisa poder para fazer vôos mais longos no seu crescimento. A igreja tem caminhado a passos lentos como a tartaruga, enquanto Deus quer que ela avance para frente como a águia. A igreja precisa ser impulsionada pelo vento do Espírito. Aquele mesmo vento impetuoso que soprou no Pentecoste precisa soprar hoje também, tirando a igreja de trás das portas fechadas do medo e do comodismo de ficar presa às quatro paredes. A igreja hoje precisa receber aquele vento poderoso que soprou no vale de ossos secos. Ali reinava a morte e a desesperança. Os ossos eram a casa de Israel. Além de sequíssimos, eles

estavam espalhados. O povo de Deus, além de estar sem vigor, está desunido. Só o vento do Espírito pode reverter este quadro sombrio. Precisamos ser conduzidos às águas tranqüilas. Precisamos ser levados às torrentes copiosas do Espírito. Precisamos beber dos rios abundantes e caudalosos do Espírito de Deus. Precisamos experimentar estas fontes que brotam do interior de todo aquele que crê em Cristo como diz a Escritura.

Ezequiel 47 traz um quadro sublime desta verdade. O profeta vê o rio que brota do santuário, debaixo do altar. Nós somos santuário do Espírito (I Co 6.19). Só uma vida que já passou pelo altar, já morreu para o pecado e para o mundo e foi crucificada com Cristo, pode experimentar a doce realidade de uma vida transbordante do Espírito Santo.

Em seguida, o profeta começa a olhar o progresso desta vida no Espírito. Ele mede as águas e elas lhe dão nos artelhos: este é o início da vida cristã. É o começo do discipulado. Depois, ele mede as águas e elas lhe dão nos joelhos: isto fala de vida de oração. Ninguém pode conhecer a vida de intimidade com o Espírito Santo sem ser levado à prática da oração fervorosa. Depois ele mede as águas do rio, e elas já estão nos seus lombos: isto fala de reprodução. Quando vivemos no Espírito, nossa vida não pode ser mais estéril. Começamos, então, a gerar novos filhos espirituais. Quando as águas são medidas de novo, já aparece um rio caudaloso que precisa ser atravessado a nado. Agora, ele é levado pelas águas do rio. Agora não é o seu esforço que o carrega, mas as águas do rio.

O resultado é tremendo. Onde as águas deste rio chegam, tudo o que outrora estava morto começa a reviver. Quando da nossa vida brotam os rios do Espírito, por onde passamos, levamos restauração e vida.

O tremendo nisso tudo é que a águia só voa nas alturas e a longas distâncias quando ela deixa de lado sua auto-suficiência, seus esforços próprios e se deixa levar pela força do vento. Assim também acontece com a igreja: ela só se santifica e cresce na medida que deixa de confiar em si mesma e vive na dependência do Espírito de Deus.

É interessante notar que há outra ave, ao contrário da águia, que tem muita dificuldade de voar: é o albatroz. Seus vôos são baixos, curtos e dramáticos. Sobretudo, a aterrissagem é desastrosa. Muitas vezes, o albatroz chega a ferir-se na hora do pouso. Esse fato intrigou os estudiosos, e eles foram averiguar a razão dessa dificuldade. Descobriram, então, que o problema do albatroz é que ele tem o papo muito grande. Por isso, ele não consegue voar alto nem pousar direito.

Creemos que esta é uma perfeita ilustração para nós. Muitos crentes, apesar de muito esforço, muito barulho, não fazem vôos altos, nem conseguem progresso e crescimento na vida cristã, porque têm o papo muito grande.

No início do meu ministério, um pastor veterano deu-me um conselho. Ele me disse: Hernandez, no dia que você encontrar um crente que sempre que encontrar com você fizer elogios a si mesmo e demonstrar muita autoconfiança, arrotando uma santidade estereotipada, pode saber que você está diante de um crente carnal, diante de um albatroz e não diante de uma águia.

A Bíblia diz que Deus resiste no soberbo. A soberba precede à ruína. O que se exaltar será humilhado. Nabucodonosor exaltou-se e foi comer capim com os animais no campo. Herodes, cheio de empáfia e altivez, não deu glória a Deus e foi devorado pelos vermes. Toda pessoa que tem papo grande vive uma vida medíocre. Não há nada mais mesquinho do que uma

pessoa ficar amaciando o seu próprio ego, tecendo elogios a si mesmo, curtindo um narcisismo doentio. Há um ditado popular que diz que lata cheia não faz barulho. Mas lata vazia é só encostar e já está fazendo estardalhaço. A espiga, quando está cheia e madura, nunca fica empinada, só o restolho, chocho, vazio, fica empinado, soberbo. Que Deus nos dê a graça de sermos como a águia que voa na força do vento e não como o albatroz, que não consegue voar por causa do papo grande.

Capítulo 36

Visão Integral

A águia tem a capacidade fantástica de enxergar em todas as direções, por todos os ângulos, em todas as perspectivas. Ela enxerga para frente, dos lados e com um pequeno esforço de sua cabeça também enxerga para trás. Ela enxerga num raio de 360 graus. Sua visão é global. Ela vê tudo, em todas as direções e por todos os ângulos. Quando a Bíblia diz que somos como a águia, ela tem algo a nos ensinar quanto a esta matéria.

Os que esperam no Senhor precisam ter uma visão abrangente e dilatada das coisas. O cristão não pode ser uma pessoa bitolada, de mente estreita. Ele não pode apenas enxergar seu micro-universo, como se estivesse olhando por um tubo. O cristão tem que ter uma visão integral e holística das coisas. Ele, que tem a mente de Cristo, precisa olhar para a vida como Deus olha.

Existem muitas pessoas que só enxergam seus interesses, só vêem o universo ao seu redor pelas lentes de suas escassas experiências. Acham que a verdade está limitada àquilo que elas sabem. Pensam que tudo o que transcende à sua experiência e visão deve ser rejeitado. Rechaçam o que vai para além das fronteiras estreitas de sua visão míope.

Vejo, hoje, com preocupação, a polarização dos crentes em relação a muitos assuntos, por falta de uma visão mais aberta e abrangente, Eis alguns exemplos:

I- Em relação à doutrina.

Muitas pessoas são tão zelosas da doutrina e da ortodoxia que se esquecem da prática da piedade. A única coisa que lhes interessa é não irem além das Escrituras. Mas não se preocupam em ficar aquém. Para estas pessoas o importante é ser ortodoxo, ainda que não seja ortoprático. É triste ver como tantas igrejas que primam pela fidelidade doutrinária são tão frouxas na concessão ao pecado. Brigam tanto pela verdade que se esquecem de vivê-la. São como a igreja de Éfeso, ortodoxa, mas sem amor. Outros, porém, caem noutro extremo. Só se preocupam com a experiência e não sabem nada da verdade de Deus. Tornam-se místicos analfabetos da Palavra. Caem num experientialismo escorregadio. Envolvem-se com práticas religiosas estranhas à verdade revelada nas Escrituras. Jesus denunciou esse duplo extremismo, quando ergueu seu libelo contra os saduceus: "Errais não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus" (Mt 22.29). Tem muita gente perita em Bíblia, mas analfabeta do poder de Deus. São teólogos, conhecem com perícia invulgar os dogmas, trafegam com desenvoltura pelos textos originais, fazendo acuradas investigações e exegeses esplêndidas, mas estão secos e duros como a pedra, estéreis como o deserto. Não são como a águia. Só olham para um lado da questão. Têm teologia, mas não têm vida; têm palavra, mas não têm unção.

Por outro lado, há aqueles que querem ser doutores acerca do poder de Deus, fazem barulho e estardalhaço em nome de Deus, prometem milagres e parecem ser donos da agenda de Deus, mas não

conhecem nada das Escrituras. Vivem de maneira mística e impressionam as pessoas com gestos grandiloqüentes, mas são analfabetos da Bíblia. Vivem mergulhados num subjetivismo alienante e manipulador. Vivem comprometidos com um misticismo herege, traidor da verdade. Estes também são míopes, estrábicos, não têm a visão da águia.

II- Em relação à liturgia.

Esta é uma área onde tem existido muita confusão no meio evangélico. Falta discernimento, amor e paciência no trato desta matéria. Muitos defendem a tese de uma liturgia solene, tradicional, mas acabam caindo numa liturgia fria, gelada e morta. Estes, muitas vezes, caem no marasmo do ritualismo engessado. Pendem para o lado do cerimonialismo sem vida. Não se abrem para o novo. Cantam sempre os mesmos hinos. Estão sempre na retranca. Para eles, solenidade é sinônimo de imobilidade e engessamento. A liturgia é algo fechado, decorado, monótono, onde o povo já sabe sempre com antecedência o que vai acontecer. Não há espaço para o povo de Deus abrir o coração e louvar com entusiasmo. Os partidários dessa postura só conseguem extravasar suas emoções quando conversam sobre dinheiro, política ou futebol. Na presença de Deus eles se fecham, se encolhem e prendem suas emoções. Não conhecem os vivas de júbilo, não se deleitam na presença de Deus. Em muitas igrejas o culto é uma solenidade fúnebre onde não há os sinais vitais do crente. Precisamos erguer nossa voz contra esse extremo, pois o transbordamento de alegria na presença de Deus certamente é melhor do que uma morte ordeira. Um cão vivo realmente é melhor do que um leão morto (Ec 9.4).

Há um outro extremo perigoso e nocivo. Há igrejas onde a liturgia é uma confusão, uma desordem, um emocionalismo exacerbado, onde as pessoas se alienam da razão e se lançam numa catarse escapista e irresponsável. Em vez de serem esclarecidas, ficam mais perturbadas. Em vez de serem curadas, ficam mais doentes. Essas posturas conduzem ao anti-intelectualismo, à carismania, ao super-sobrenaturalismo e à manipulação.

Uma forma litúrgica perigosa hoje é a introdução na igreja dos modelos mundanos. A igreja, por perder a originalidade, a criatividade e a fidelidade, tem copiado o mundo no que ele tem de pior. Assim, optam por musicais que descambam apenas para ritmos sensuais e que nada comunicam ao espírito. É por isso que floresce no meio evangélico a idéia da música entretenimento, *show*, que projeta o homem, faz bem à carne, mas não glorifica a Deus, não eleva o espírito, nem edifica a igreja. A música evangélica precisa ter uma origem divina e ser para o louvor de Deus enquanto leva o pecador a temer e a confiar no Senhor.

Precisamos buscar o equilíbrio de uma liturgia onde não joguemos fora os ricos legados do passado nem nos fechemos para a bênção do novo. A liturgia precisa ser com ordem e decência, mas cheia de vida, entusiasmo e calor. Liberdade do Espírito não é sinônimo de confusão e estardalhaço. Ordem e decência não é contrário à liberdade do Espírito. Que Deus nos ajude a ter discernimento nesta área, nestes dias! III- Em relação à obra missionária.

Devemos ter o discernimento do avivalista do século XVIII, John Wesley, quando disse: "A minha paróquia é o mundo." Jesus disse que o campo é o mundo. Toda visão missionária que não seja do mundo inteiro não é a visão de Deus. Deus ama as nações. Em

Abraão são benditas todas as famílias da terra. Cristo morreu para comprar com o seu sangue os que procedem de todas as tribos, povos, línguas e nações. O propósito de Deus é que a igreja seja luz para as nações e evangelize e faça discípulos em todas as etnias até aos confins da terra. O testemunho da igreja deve cruzar as fronteiras da sua Jerusalém e ir por todo o mundo. Não podemos ficar presos nos limites de quatro paredes. Não podemos investir apenas na igreja local. Temos de alcançar o mundo inteiro em cada geração. Temos que abrir nossa visão. Temos que fazer a obra de Deus aqui com pressa sem esquecer os campos que branquejam para a ceifa nos rincões mais distantes dos países mais longínquos. É necessária uma visão abrangente da obra missionária no mundo inteiro. Somos como a águia.

IV- Em relação ao avivamento.

É triste ver algumas pessoas colocando um muro de separação dentro da igreja, rotulando as pessoas como tradicionais ou avivadas. Sempre é um risco rotular as pessoas. A rotulação é, muitas vezes, preconceituosa, excludente e descaridosa. Normalmente ela provoca mais mal do que bem. É isto que vemos na rotulação de pessoas chamadas tradicionais e avivadas. Qual é a conotação que dão ao tradicional? Hoje, o tradicionalista tornou-se sinônimo de uma pessoa cheirando a naftalina, com cara de museu, irreduzível em seu conservadorismo, incapaz de ver qualquer coisa boa em tudo aquilo que difere da sua visão. Assim, dentro da rotulação, o tradicional é aquela pessoa mais agarrada aos costumes, à tradição e ao passado do que ao fluxo da vida nova em Cristo que deve brotar na igreja a cada dia. Assim, esta pessoa torna-se fechada à obra do Espírito. Ela nunca está aberta para ouvir a voz do Espírito. Ela tem medo de tudo o que é novo. Ela se

fecha, se encolhe e rejeita tudo o que não estiver dentro das balizas de suas escassas experiências. Como é triste ver pessoas assim. Elas vivem um arremedo de vida, amargando uma aridez profunda na alma, uma sequeidão no coração, um agreste no espírito. Não se abrem à novidade de vida que Cristo oferece, porque têm medo do Espírito Santo, têm medo de descambar, medo de perderem o referencial da tradição, medo de se tornarem avivadas.

Por outro lado, há aqueles que no afã de serem avivados não dão nenhum valor ao legado que receberam, jogam tudo por terra. Não querem ter vínculos com o passado. Não gostam de história. Não têm raízes. Não querem compromisso com a instituição. Não dão nenhum valor à Teologia. Só querem correr atrás de sinais e prodígios. Só buscam milagres. Como crianças, só se interessam por guloseimas. Só buscam os benefícios da fé. Só olham o lado deslumbrante da vida cristã. Só estão atrás de um evangelho oba-oba, sem preço, sem custo, sem cruz, sem discipulado.

A verdade não está nos extremos. Devemos ser crentes tradicionais, apegados às verdades de Deus de forma irredutível. Os absolutos de Deus são inegociáveis. Não podemos transigir com a verdade. Não podemos jogar na lata do lixo a nossa teologia. Igreja sem doutrina não tem consistência, não tem firmeza nem fidelidade. Não podemos cortar nossas raízes com o passado. Não podemos colocar no museu a nossa Confissão de Fé. Não podemos jogar fora o rico legado que herdamos dos apóstolos, dos reformadores, dos nossos pais puritanos e tantos servos fiéis do passado. Não podemos viver como folhas no vento, sem raiz e sem estabilidade.

Nosso apego à verdade, longe de nos fazer recuar a uma vida pobre e medíocre, deve nos impulsionar a uma

vida aberta ao Espírito de Deus. Ortodoxia e piedade não são excludentes, mas verdades que se completam. Precisamos de Teologia com piedade, de ortodoxia com unção. Precisamos de doutrina com avivamento, conhecimento profundo com poder. Precisamos deixar de lado todo radicalismo extremista e ver o equilíbrio que Jesus revelou em sua vida, pois ele se manifestou cheio de graça e de verdade. Nós, também, devemos crescer na graça e no conhecimento de Jesus. Devemos conhecer as Escrituras e o poder de Deus. Não podemos ter uma visão estreita, tacanha, bitolada e parcial. Nós somos como a águia.

Capítulo 6

Pleno Discernimento

A visão é um dos prodígios mais fantásticos da criação. Nosso olho é mais complexo do que a mais intrincada invenção humana. O olho é um dos órgãos mais extraordinários do corpo. Segundo o famoso oftalmólogo John Wilson, temos mais de 60 milhões de fios duplos encapados em cada olho. Nosso olho é infinitamente mais sofisticado que as mais modernas câmaras de imagens que o homem já inventou.

Uma das coisas mais interessantes que temos em nossa visão é a capacidade de, num quadro geral, focar um ponto específico, concentrando nossa atenção nele, sem perder a imagem global do cenário.

Esta capacidade de dar um *dose* num ponto específico de um quadro geral, sem perder a visão do todo, provém do fato de termos em nossa retina um dispositivo chamado fóvia. Isso é algo maravilhoso.

Os cientistas examinando detidamente a capacidade extraordinária que a águia tem para enxergar a longas distâncias com meticulosa precisão, descobriram que ela tem não apenas uma fôvia, mas três. Descobriram mais, que uma fôvia está apontada para cima, outra para frente e outra para baixo, de tal maneira que a águia distingue, com clareza, ao mesmo tempo, um alvo em cima, outro na frente e outro em baixo. Isto é algo colossal e estonteante. Esse fato enseja algumas lições tremendas para nós:

I- Precisamos ter uma clara visão do alto.

A águia é a única ave que pode mirar o sol de frente sem ficar deslumbrada. Deus quer que seus filhos vejam o que os outros não podem ver.

Há muitas pessoas que possuem uma cultura enciclopédica, dominam com perícia invulgar os mais intrincados assuntos da ciência. São detentoras de uma mente peregrina e de uma inteligência rara e prodigiosa. Trafegam com grande desenvoltura sobre os grandes temas da cultura geral. Contudo, não têm nenhum conhecimento das coisas lá do alto. Não discernem um palmo na direção dos horizontes celestiais. São analfabetos a respeito das verdades eternas. Estão mergulhadas nas mais densas trevas espirituais. Vivem presas a uma cegueira medonha acerca de Deus, do céu, da eternidade e da salvação de suas almas. Nasceram num berço de trevas. Caminham pela vida sem luz. Ao mesmo tempo que têm mentes atiladas para desvendarem os segredos da ciência, não conseguem discernir as elementares realidades do reino espiritual. Vivem dominadas por uma profunda ignorância espiritual, com os olhos vendados e com o coração endurecido.

Os que esperam no Senhor têm uma visão clara de Deus. Conhecem a Deus não apenas de ouvir falar. Conhecem-no não apenas porque com pulsaram os volumosos livros de teologia; mas conhecem-no de forma íntima, profunda e pessoal, numa relação estreita, mística e deleitosa.

Os que esperam no Senhor têm uma visão clara da eternidade. Não vivem neste mundo sem esperança, como os hedonistas, epicureus modernos, achando que a vida é só o aqui e o agora e que a morte é o fim de tudo. Não vivem oprimidos pelo medo de um purgatório aterrador, nem na ilusão de uma reencarnação inexistente.

Os que esperam no Senhor sabem que viverão a eternidade com Jesus, com corpos glorificados, desfrutando das bem-aventuranças que excedem em sua beleza e fulgor a toda descrição humana. Por isso, devemos amar as coisas lá do céu, viver pelas leis do céu e desfrutar antecipadamente das alegrias do céu.

II- Precisamos ter uma nítida visão à nossa frente.

Muitas pessoas, quando descobrem as verdades espirituais e começam uma caminhada com Jesus, por não serem bem doutrinadas, fazem da religião uma rota de fuga e alienação. É triste perceber como existem tantas pessoas hoje, que em nome da fé evangélica são desconectadas da realidade histórica em que vivem. Dão a impressão de que são verdadeiros alienígenas neste mundo. Não se interessam pelos assuntos e problemas que atingem a humanidade. Fecham-se no esconderijo de sua crença religiosa. Como o avestruz, enterram a cabeça na areia das desculpas e se enjaulam no mais sombrio comodismo e na mais criminosa omissão.

Pessoas com esta forma de ver o mundo não se envolvem na vida pública, não se interessam pelos asoberbados problemas que garroteiam os indivíduos, não influenciam o meio em que vivem. São, ao contrário, sal insípido, luz debaixo do alqueire, cauda e não cabeça.

Como cristãos, não podemos ser pessoas alienadas, que fogem da pugna no certame da vida. Somos um povo de vanguarda. A vida cristã não é fuga, é enfrentamento. Não é colônia de férias, é campo de batalha. Não é para covardes, mas para quem já renunciou a própria vida.

Muitos confundem humildade com covardia e omissão. Acham que o cristão deve ser uma pessoa apagada o desinteressada pelos assuntos deste mundo. Pensam que o cristão deve viver apenas no reino espiritual, abandonando por completo sua cidadania terrena. Não é esta, obviamente, a postura bíblica. O cristão precisa estar presente no contexto da vida social, para ser o elemento influenciador, saneador e referencial. A Bíblia fala de homens santos que exerceram grande influência na história porque se envolveram nos assuntos seculares, como José do Egito, Daniel, Neemias e tantos outros. A igreja é a luz do mundo e não a sombra da história. A igreja deve ser a consciência do mundo e não uma inocente útil nas mãos dos poderosos deste século.

Deus não deseja que sejamos apenas ativistas históricos, olhando só para frente sem mirar as alturas. Este foi o grave erro da teologia da libertação. Mas também não faz parte do plano de Deus sermos crentes com a cabeça nas nuvens sem os pés no chão. Esse é o erro do misticismo alienante. Jesus é para nós o grande modelo. Ele veio do céu. Era do céu. Voltou para o céu. Vivia segundo as leis do céu. Mas, jamais foi

desinteressado pelos problemas da terra. Ele viveu intensamente o seu tempo, envolvido nos grandes dramas que afetavam as pessoas. Ele não viveu alienado dentro de uma sinagoga, nem encastelado no templo. Seu ministério não foi intramuros. Ele viveu no meio do povo. Ele tinha cheiro de gente. Ele percorria as cidades, cruzava as aldeias, entrava nas casas e tomava refeição com os pecadores escorraçados pelo legalismo fariseu. Ele conversava com prostitutas, abraçava as crianças, tocava nos leprosos, curava os enfermos e libertava os oprimidos e possessos de espíritos malignos. Seu ministério se deu na rua, na praia, no campo, nos lares. Ele não se fechou num religiosismo estreito nem abraçou uma espiritualidade alienadora. Pelo contrário, onde Jesus estava, o ambiente era impactado e transformado pela sua santa presença. As pessoas eram tocadas pelas suas palavras e abençoadas pela sua ação poderosa. E assim também que viveram os profetas de Deus. É assim que viveram os apóstolos de Cristo. E assim que a igreja deve viver.

Não podemos cair no erro dos pietistas do século XVII, que supervalorizavam as coisas espirituais em detrimento das coisas terrenas. Somos como a águia, nossa visão do alto não tolda nossa visão para frente.

III - Precisamos ter uma profunda visão para baixo.

A águia, ao mesmo tempo que enxerga um alvo em cima, outro à frente, discerne com diáfana clareza outro em baixo.

A visão da águia, de fato, é algo extraordinário. "Lá de cima ela avista suas vítimas, por mais longe que estejam" (Jó 39.29 - Bíblia Viva).

Nossa visão de Deus e da história não pode tirar os nossos olhos dos vales, das regiões abissais do

sofrimento, dos grandes fossos onde existem multidões lazarentas, chagadas, famintas, desesperadas, curtindo a dor cruel de uma miséria extrema.

Precisamos ter um coração sensível e compassivo, capaz de converter piedade religiosa em ação concreta e factível de ajuda ao necessitado. Precisamos ultrapassar a fronteira do sentimentalismo piegas que é capaz de chorar diante da dor alheia, mas é incapaz de mover uma palha para aliviar essa dor e ajudar a pessoa aflita.

O cristão não dicotomiza a vida, achando que só temos de nos preocupar com a salvação da alma, sem aliviarmos as pessoas dos fardos pesados que as afligem. O cristão deve ser solidário. Seu amor deve ser prático. O cristão é alguém que abre a mão ao necessitado, dá pão ao que tem fome, consola o aflito, veste o nu, visita o enfermo, ampara o órfão e a viúva. Como Jó, ele se torna os olhos do cego, as pernas do aleijado e o pai dos desamparados (Jó 29.15 e 16).

Não basta à igreja fazer belos discursos sobre o amor de Deus, se ela não representa o braço da misericórdia divina na vida dos aflitos e necessitados. Precisamos entender que nós somos o corpo de Cristo na terra. Jesus fala a um pecador moribundo através da nossa boca. Ele visita o enfermo quando vamos ao seu encontro no leito de dor. Ele alimenta o faminto quando abrimos a mão e a despensa da nossa casa para socorrê-lo.

Os que jazem no vale da vida esperam de nós mais do que belos e retóricos discursos. Eles necessitam de uma mão estendida, de um coração aberto, capaz de oferecer uma ajuda real e factível.

No Brasil, vivemos numa sociedade marcada por grande e profunda injustiça social. Enquanto uma minoria privilegiada detém grande parte da riqueza, vivendo no luxo nababesco, uma maioria esmagadora

sofre a triste realidade de uma pobreza aviltante. Muitos concidadãos nossos, por não terem acesso à educação, vivem desempregados ou subempregados. Por não terem acesso à assistência médica digna, vêem suas forças serem minadas pela doença. Assim, despossuídos e marginalizados, enfrentam o drama da fome, da submoradia, da escassez e da humilhação a golpeá-los com desmesurado rigor. Muitos pais contemplam com os olhos embaçados de tristeza o choro sofrido de seus filhos, dormindo com fome, amontoados ao chão, sem uma cama para dormir, sem um pedaço de pão para comer.

Nessa chocante realidade, não podemos fechar o nosso coração. Seremos severamente julgados no dia do juízo, se sonegarmos pão ao faminto e misericórdia ao aflito (Mt 25.31-46).

O povo de Deus não pode fazer parte daqueles que gananciosamente ajuntam e acumulam apenas para si mesmos e insaciavelmente querem sempre mais para esbanjarem em seus próprios deleites. O povo de Deus deve amar a misericórdia (Mq 6.8), exercitar o amor, estender a mão ao necessitado, levantar o caído, enxugar a lágrima do aflito, balsamizar a alma do desconsolado.

Não podemos passar pela vida indiferentes aos gemidos agônicos daqueles que estão feridos à beira do nosso caminho como fizeram o sacerdote e o levita (Lc 10.31 e 32). Precisamos ser os agentes da bondade de Deus. Como a águia, não podemos perder a visão das regiões baixas onde há gemidos e soluços e gritos de socorro. Devemos ter a compaixão de George Müller, que cuidava de milhares de crianças carentes em Bristol. Devemos revelar interesse pelas pessoas marginalizadas como Robert Raykes, fundador da Escola Dominical em Gloucester, em 1780, ensinando a Palavra e educando

crianças de rua. Devemos manifestar a misericórdia de Deus como o fizeram muitos missionários como David Brainerd, David Livingstone, Hudson Taylor, que se doaram para ver os perdidos salvos.

Capítulo 49

Liberdade Sim, Cativeiro Não

A águia é uma ave que ama a liberdade. Ela tem intimidade com as alturas. Ela não sabe viver em cativeiro. Ela não consegue viver em gaiolas. Ela não sobrevive enjaulada nos zoológicos. Ela morre, mas não fica cativa. Ela não aceita outra condição para a sua vida que não a liberdade.

Este é um princípio tremendo para nós. Os que esperam no Senhor são como a águia. Nós também fomos chamados para a liberdade. Para a liberdade foi que Deus nos libertou (Gl 5.17). Deus nos libertou do império das trevas (Cl 1.13). A verdade de Deus trouxe-nos liberdade (Jo 8.32). Jesus Cristo libertou-nos verdadeiramente (Jo 8.36). Somos livres!

Com base neste princípio, chamo sua atenção para algumas implicações práticas:

I - O cristão não pode viver cativo, com medo do diabo.

Há crentes que vivem roendo as unhas, tremendo, assustados, com medo do diabo. Sentem-se acuados. Perdem a alegria da comunhão com Deus com tanta preocupação com o diabo. Deixam de se deleitar nas verdades celestiais, privam-se das delícias do banquete de Deus porque vivem às voltas com uma fobia doentia que lhes rouba toda a alegria de viverem assentados com Cristo nas regiões celestiais. Há até igrejas que falam mais no diabo do que em Jesus. Atribuem ao príncipe das trevas quase tudo que acontece. Roubam de Deus sua providência, seus gestos de juízo e disciplina e até de providente cuidado e fazem do diabo o protagonista de quase tudo. Há pessoas que vêem demônios em cada esquina, em cada canto da casa. Uma dor de cabeça que pode ser resolvida com uma aspirina, atribui-se-lhe à ação do diabo. O pneu de um carro que fura no trânsito é o diabo. Assim, estas pessoas superestimam o diabo, temem-no, fazem o seu jogo e tornam-se inocentes úteis em suas mãos.

A Bíblia diz que nós não recebemos espírito de medo (II Tm 1.7). A Bíblia em lugar nenhum nos manda temer o diabo, mas resisti-lo. O diabo é das trevas. Ele não suporta a luz. Ele não agüenta a verdade. Ele só sobrevive com máscara. A Bíblia diz que Jesus recebeu **todo poder e toda autoridade** no céu e na terra. Se Jesus recebeu todo o poder e toda autoridade, então não sobrou poder nem autoridade para o diabo. O diabo é astuto, mas só Jesus é todo-poderoso. O diabo não tem autoridade nem no inferno. As chaves de morte e do inferno estão nas mãos de Jesus e não nas mãos do

diabo (Ap 1.17 e 18). Se estamos com Jesus, somos mais do que vencedores. Se estamos com Jesus, podemos todas as coisas. Jesus se manifestou para destruir as obras do diabo (I Jo 3.8). Jesus já triunfou sobre o diabo e suas hostes na cruz e os despojou, expondo-os ao opróbrio e desprezo (Cl 2.14 e 15). Jesus é o mais valente e o mais forte que venceu o diabo, despojou-o, tirou-lhe a armadura em que confiava e lhe dividiu os despojos (Lc 11.22).

Agora recebemos autoridade sobre o diabo e seus demônios (Lc 9.1). Não precisamos temê-los, mas devemos expulsá-los pelo poder do nome de Jesus (Mc 16.17), sabendo que em breve Satanás será esmagado debaixo dos nossos pés (Rm 16.20).

II- O cristão não pode viver cativo do pecado.

O cristão é aquele que resiste o pecado até o sangue (Hb 12.4). Ele prefere morrer a ser cativo do pecado. Ele prefere arriscar sua vida como Daniel o fez, a participar das iguarias do mundo. Ele prefere ir para a fogueira como os amigos de Daniel o fizeram, a ser infiel a Deus. Ele prefere ir para a cadeia, mofando atrás das grades como José do Egito, mas com a consciência limpa, a capitular-se ao pecado. Ele prefere ser apedrejado como Estêvão, a recuar no seu testemunho fiel. Ele prefere tombar no campo de batalha, degolado como Paulo, a ceder às pressões do pecado e às seduções do mundo.

O cristão autêntico não consegue viver com máscaras como Judas. Nos seus lábios não existe a confissão da mentira como nos lábios de Ananias e Safira. Quem está em Cristo é nova criatura ou então não está em Cristo. Isto é axial. Se somos de Jesus, devemos andar como Jesus andou (I Jo 2.6). Se somos nascidos de Deus, não vivemos na prática do pecado (I

Jo 3.9). Se andamos na luz, não temos comunhão com as trevas. O verdadeiro crente não transige com o pecado como Geazi. Não vive com o pé no laço do passarinho nem com o pescoço na coleira do pecado. Ele não sabe viver em cativeiro. Ele não é escravo da mentira. Ele não é dominado pela impureza. Ele não é servo do orgulho. Ele é livre!

É triste vermos hoje tantas pessoas que freqüentam a igreja, são alunos da Escola Dominical, estudam a Bíblia, mas que ainda vivem em cativeiro. Há pessoas escravas das drogas. Há pessoas que não se libertaram do vício do cigarro. Há outras que são dominadas pelo álcool. Há aqueles que são cativos da impureza. Vivem com a mente entulhada de pornografia, com o coração entupido de volúpia, Há jovens crentes cujo namoro é um poço de sensualidade desbravada. Capitulam-se aos desejos inflamados da carne. Há crentes que ainda não se libertaram da glotonaria. Vivem para comer, não comem para viver. Há pessoas cujo nome está no rol de membros da igreja, mas são cativas da ganância como *Geazi*, são amantes da primazia como Diótrefes, são fofoqueiras como Doegne, são deladoras como Alexandre, o latoeiro; são traidoras como Judas.

É escandaloso ver como vivem muitas pessoas que se dizem crentes. Elas não aparentam nenhuma diferença em relação às pessoas que não conhecem a Deus. Elas mentem do mesmo jeito, buscam vantagens fáceis nos negócios e não resistem às propostas corruptoras. Sonegam, burlam as leis, driblam o fisco, capitulam-se às propinas, vendem suas consciências, negociam seus valores absolutos, mercadejam a verdade. Outras praticam as próprias coisas que condenam. Seus lábios estão cheios de vangloria. Seus corações são soberbos. Seus olhos estão cheios de

lascívia. Suas mãos estão cheias de iniquidade. Suas vestes estão contaminadas pela sensualidade, seus pés se apressam para as veredas do pecado. São crentes. Frequentam a igreja, mas estão cativos. Estão na jaula do adversário.

III - O cristão não pode viver cativo da omissão.

Há crentes que são agentes secretos de Jesus. Não se identificam como embaixadores do Rei. Suas vidas são tão insípidas e tão inexpressivas que ninguém nota que elas são de Jesus, se é que são. Vivem calados, quando se trata de falar de Jesus. São destemidos para falar de futebol. São ágeis para discursar sobre a moda. Conversam com desenvoltura sobre os filmes de sucesso. Conhecem os atores famosos; têm destreza em conversar sobre os grandes temas da atualidade, mas não abrem a boca para falar de Jesus. Têm medo. São covardes. São omissos. Estão cativos! A igreja de Deus não pode ser um exército de mudos. Evangelho é proclamação de boas novas. A fé vem pelo ouvir. Não podemos guardar esse tesouro apenas para nós. Se nos calarmos seremos tido como culpados. A cada dia que deixamos de falar do Evangelho, multidões perecem na perdição eterna e o sangue delas cai sobre nós. Nosso coração deve arder de paixão pelas almas. Temos de proclamar a tempo e fora de tempo. Temos que sair do cativeiro da omissão. Temos que gerar filhos espirituais. Temos que arrebatá-los aqueles que estão no fogo, prestes a cair no abismo da perdição eterna. Temos que recolher aqueles que estão nas encruzilhadas da dúvida e abandonados à beira dos caminhos, e trazê-los para o banquete da salvação. Temos que entrar na casa de pessoas escorraçadas pela sociedade, ainda que escandalizando os fariseus radicais, para levar a esperança do Evangelho de Cristo que veio buscar e

salvar o perdido. Temos que percorrer cidades e povoados, aldeias e vilas, e pregar o Evangelho quer no templo, quer nas casas, quer nas praças, quer na praia ou em qualquer outro lugar. Somos livres para sair e semear, ainda que com lágrimas. Povo de Deus, vamos sacudir de sobre nós o jugo da omissão criminosa. Vamos sair para fora dos nossos muros e tocar a buzina de Deus, chamando a todos ao arrependimento, pois o dia do juízo se aproxima.

Capítulo 8

Fidelidade, Base de um Casamento Feliz

A águia tem uma característica muito interessante. Ela não é como as outras aves na área do acasalamento. As aves domésticas, por exemplo, não observam a lei da relação restrita. Apenas um galo, por exemplo, cobre dezenas de galinhas. O comportamento da águia é

diferente. Ela observa o princípio da fidelidade ao seu parceiro.

Creemos que este é um dos mais importantes princípios para o homem em todos os tempos. A fidelidade conjugal é a base de todo casamento estável e feliz. Sem fidelidade a relação se torna vulnerável. A infidelidade destrói a confiança, sufoca o amor, mata o respeito, acaba com a transparência, suscita o ciúme e empurra o casal para uma crise de conseqüências imprevisíveis. A infidelidade é uma traição, é uma maldade, é uma violência que destrói o casamento, desestabiliza os filhos, adocece emocionalmente as pessoas envolvidas, abre feridas incuráveis, suscita ódio, prejudica a igreja, perturba a sociedade e desagrada a Deus. A infidelidade desfibra as pessoas moralmente. Sempre que as pessoas caem nesta rede, tornam-se mentirosas, cínicas e evasivas. Perdem a autenticidade, conspurcam a honra, enlameiam o nome, envergonham a família, promovem escândalo e desonram a Deus.

A infidelidade conjugal tem um preço muito alto. Suas conseqüências são terríveis. Ela não destrói apenas aqueles que se entregam à volúpia, ela prejudica muita gente inocente ao redor. Ela apunhala o cônjuge traído. Ela arreventa com a saúde psicológica e emocional da família. Ela gera dor e vergonha. Provoca mágoa e suscita ódio. A infidelidade tem sido a causa de muitas mortes, de muitos crimes violentos, de muitas atrocidades na história. A infidelidade tem levado muitas famílias à falência, à pobreza, à miséria e à penúria. A infidelidade, via de regra, desemboca no divórcio e as tristes reverberações deste não se apagam, mesmo com o passar dos anos.

É triste constatar que este princípio elementar e básico para a preservação da família está sendo tão atacado nos dias de hoje. As telenovelas induzem as

massas incautas a pisotear os valores absolutos e a rasgarem todos os códigos da decência. Vivemos numa sociedade em que a instituição do casamento está sendo torpedeada por todos os lados. Hoje as pessoas trocam de cônjuge como se troca de roupa. O homem moderno não quer compromisso. Ele não tolera uma ética rígida. Ele não suporta valores graníticos. Ele vive dominado apenas pelos seus desejos pervertidos. Sua ética é situacional. Seus valores são relativos. Para ele não existe o certo e o errado. Para ele não existem fronteiras e limites. Para ele o casamento monogâmico e monossomático é uma prisão enfadonha. Sua mente não tolera os princípios de Deus. Seus ouvidos não suportam a verdade. O homem moderno zomba de Deus, pisa com escárnio sua Palavra, tripudia sobre os mandamentos das Escrituras e vive sem freios, segundo o curso do mundo, segundo a vontade da carne, seguindo seus pensamentos loucos, no cabresto do diabo. O homem moderno só vive para o prazer imediato. Ele não busca a verdade. Ele não anda na verdade. Seu propósito é satisfazer seus desejos, é atender os ditames do seu coração enganador e corrupto; por isso ele cai sem resistência nesta trama diabólica do adultério. Por isso se entrega no altar aviltante da infidelidade e oferece seu corpo como sacrifício imundo do pecado.

Mas o que nos choca profundamente é que essa prática tão condenável já está se tornando bastante comum também nos arraiais evangélicos. Cresce assustadoramente no meio evangélico o número dos divórcios. Assombra-nos o fato de ver nossa juventude, em sua maioria, ir para o casamento já com experiências sexuais. A virgindade já é coisa rara, inclusive no meio da juventude cristã. Se o povo que deveria ser luz está em trevas, que grandes trevas serão então o mundo sem Deus!

Queremos discutir esse assunto de infidelidade e adultério, olhando para a vida de um homem piedoso, que andou com Deus, era temente a Deus, mas não vigiou e, por isso, soçobrou ante à tentação. Por causa de um prazer efêmero, cometeu grandes atrocidades e colheu os frutos amargos como conseqüência de seu pecado a vida inteira. Este homem é Davi. Olhe o texto de II Samuel capítulo 11. Aqui vemos o retrato de um homem que matou um leão, derrotou um urso, venceu um gigante, conquistou terras, venceu exércitos, mas foi derrotado pelas suas próprias paixões. Vejo neste texto a radiografia de uma queda. O retrato de um caso extraconjugal.

I - Ociosidade - "...levantou-se Davi do seu leito..." (II Sm 11.2). Os soldados de Davi estavam em guerra, enquanto ele ficou em casa. Fazendo o quê? Diz o texto que ele numa tarde levantou-se do leito. Aquela não era hora para dormir. Aquela não era hora para a ociosidade. Foi por causa de sua ociosidade que ele ficou passeando no terraço do palácio real sem compromisso, sem agenda. Este foi o primeiro degrau da queda.

II- Solidão - "...porém Davi ficou em Jerusalém" (II Sm 11.1). A solidão é um grande perigo. Toda pessoa que se isola torna-se presa fácil da tentação. Se Davi estivesse no campo aceso da batalha com os seus soldados não teria tombado vencido pelas suas próprias paixões.

III - Concupiscência dos olhos - "...daí viu uma mulher que estava tomando banho; era ela mui formosa" (II Sm 11.2). Davi caiu porque viu. Seu olhar lascivo criou nele um desejo incontrolado. Acendeu em seu coração um fogo inextinguível. A cobiça dos olhos foi o

laço que o diabo usou para derrubar Eva, Siquém, Acã e tantas outras pessoas na história.

IV- Perigo à frente, não avance - "Davi mandou perguntar quem era" (II Sm 11.3). Davi deu corda ao pecado. Ele caminhou na direção do perigo. Ele flertou a tentação. Ele abriu espaço para que o desejo lascivo o dominasse. Até agora as coisas pareciam casuais. Mas agora, Davi deliberadamente corre na direção da tragédia. Sua curiosidade é movida por sua paixão. Ele está a um passo da queda.

V- Tapando os ouvidos para as advertências de Deus - "Disseram-lhe: é Bate-Seba, filha de Eliã, mulher de Urias, o heteu" (II Sm 11.3). Urias era um dos valentes de Davi (II Sm 23.39). Era homem de confiança de *Davi*. Aquela infor mação era um aviso solene de Deus para Davi não se envol ver naquele caso. Davi não respeitou nenhuma advertência. Ele não honrou a Deus. Não honrou seu fiel soldado. Não honrou sua família. Não respeitou a si mesmo. Tapou os ouvidos a todas trombetas de Deus que soavam em seu co razão.

VI- Capitulando-se ao pecado - "Então enviou Davi mensa geiros, que a trouxessem; ela veio, e ele se deitou com ela" (II Sm 11.4). Davi não conhecia os seus limites. Ele brincou com o pecado e foi vencido por ele. Brincou com fogo e queimou-se. Deu guarida à tentação e foi dominado por ela. Aquele que tivera tantas vitórias pelo poder de Deus, agora naufraga vergonhosamente porque endureceu o seu coração.

VII- O preço do pecado - "A mulher concebeu e mandou dizer a Davi: estou grávida" (II Sm 11.5). O prazer do pecado dura pouco. Davi teve algumas horas

de intenso prazer, enquanto estava com Bate-Seba na cama, mas uma vida toda de desgosto por causa deste pecado. Quantas lágrimas, quanto aperto, quanta vergonha, quanto opróbrio, quanta mentira, quanto sangue derramado, quantas famílias atingidas por causa de uma hora de prazer! O pecado não compensa. A traição tem um custo alto demais. A infidelidade é doce ao paladar, mas amarga e venenosa ao estômago. Agora Davi precisa enfrentar a dura realidade de seu pecado. Daí por diante acabou ficando enlaçado nas cordas de suas próprias falhas.

VIII - O esforço para esconder o pecado - Davi tentou vários expedientes para encobrir o seu pecado (II Sm 11 6-27): 1º) *Tentou enganar o marido de Bate-Seba* - Cinicamente mandou chamar Urias, marido de Bate-Seba, da guerra para que ele fosse dormir com sua mulher. Assim, ninguém descobriria que Davi era o pai da criança. Mas Urias era mais nobre que o rei Davi e se recusou a ir ficar com sua mulher, sabendo que seus companheiros estavam em guerra. Davi o embebedou, mas Urias ainda assim não cede às pressões de Davi (II Sm 11.6-13).

2º) *Queima de arquivo* - Davi sem nenhuma compaixão manda matar Urias pela espada dos inimigos. Urias leva a sua própria sentença de morte. Davi torna-se um monstro frio, calculista, maquiavélico (II Sm 11.14-17).

3º) *Frieza diante de suas atrocidades* - Davi manda matar Urias. Traça a estratégia de como ele deveria morrer. Envia estas estratégias pelas mãos da própria vítima. Tudo foi montado para parecer que o crime não passava de um simples acidente de guerra. Assim aconteceu: Urias foi morto. Davi recebe a notícia esperada com calma, tranqüilidade. Seu coração está

duro. Sua consciência cauterizada. O rei tornou-se louco, pois agiu com covardia, crueldade e frieza (II Sm 11.25).

4º) *Davi casa-se com a viúva desamparada* - Seu gesto pareceu bonito aos olhos da nação. Foi um gesto de grandeza: amparar uma viúva grávida. Acolher uma mulher solitária e necessitada. Os olhos humanos não perceberam nada. Tudo foi profissionalmente encoberto. Foi um crime perfeito. Não deixou pista para nenhum detetive. (II Sm 11.26-27). Mas diz o verso 27 que o pecado de Davi "foi mal aos olhos do Senhor". Deus vê todas as coisas. De Deus não se zomba, pois aquilo que o homem semear, isto ele ceifará (Gl 6.7).

IX- O peso da mão de Deus - O pecado não fica sem julga mento. Davi escondeu seu pecado dos outros, mas não conseguiu se livrar de sua consciência. No Salmo 32 ele conta o que lhe aconteceu enquanto escondeu o seu pecado:

- a) Seus ossos envelheceram (v. 3).
- b) Ele gemia de angústia diariamente (v. 3).
- c) Sentia o peso da mão de Deus de dia e de noite (v. 4).
- d) Seu vigor murchou. Sua alegria foi embora de sua vida (v. 4).

Davi está no trono reinando, resolvendo os problemas dos outros, mas não tem paz. Sua vida é um inferno.

X - As conseqüências terríveis do pecado - Foram muitas as conseqüências do pecado de Davi:

- a) A criança, fruto do pecado, morreu a despeito das inten sas orações de Davi (II Sm 12.15-18).
- b) Davi foi desmascarado publicamente. É a vergonha. O que ele fez em oculto todo o seu povo ficou

sabendo e as gerações ao longo dos séculos ainda comentam esse pecado de Davi (II Sm 12.7-9 e 12).

c) Da sua casa nunca mais se apartou a espada (II Sm 12.1 e 11), a mesma crueldade que ele fez com Urias voltou-se con tra ele. Sua família passou a ser um campo de guerra. Ago ra, não eram soldados que estavam morrendo, mas seus fi lhos. Amnom estupra Tamar. Absalão mata Amnom. Absalão abusa sexualmente das concubinas do pai em público e cons pira contra o pai para o matar. Absalão morre nessa perse guição. Mais tarde, Salomão mata o irmão Adonias. Essa tra gédia familiar é a consequência de uma hora de prazer, de um momento de irreflexão, de um pecado de infidelidade. A infidelidade desonra a Deus, destrói a família, traz opró brio e vergonha e arrebeta com os transgressores.

Precisamos entender que os valores de Deus não mudam. Ainda que a sociedade à nossa volta se desfibre e perca o seu referencial de certo e errado, caindo no fosso de um relativismo imoral, não podemos ceder às pressões. Não podemos imitar o mundo. Temos que ter coragem para ser diferentes. Não podemos nos conformar com o pecado. Não podemos nos acostumar com ele. Não podemos criar mecanismos para justificá-lo e contemporizá-lo. Precisamos repudiar o pecado da infidelidade com todas as forças da nossa alma. Precisamos erguer nosso brado de protesto contra essa prática tão nociva à estabilidade e felicidade da família. É tempo da igreja levantar sua voz profética e condenar, sem rodeios, essa transgressão tão abominável. É tempo de curar as feridas do povo. É tempo de resgatarmos os lídimos valores de uma ética sadia, onde Deus é honrado, a família protegida e a sociedade saneada. Que sejamos como a águia. Fidelidade não é opção, é imperativo divino.

Capítulo 9

Quebrantamento e Renovação

Uma das características mais interessantes da águia é sua renovação. Davi expressou esta idéia no Salmos 103.5: "...quem farta de bens a tua velhice, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia". Como se dá esse processo? A águia, quando começa a sentir que suas penas estão ficando velhas e enferrujadas; quando começa a perceber que seu bico já não está tão afiado e forte; quando descobre que suas garras já estão se enfraquecendo, ela toma uma medida drástica, quase traumática, para sair deste quadro desolador. O que ela faz?

I - A primeira coisa que a águia faz é interromper suas atividades - Ela não prossegue seu trabalho, seus vôos, sua caça, suas aventuras. Ela pára, interrompe suas lidos. Fecha sua agenda, cancela seus compromissos. Esta é uma forte lição para nós. Há momentos em que a melhor ação é ficar parado. Nem sempre é prudente avançar. Deus não está interessado em ativismo. Ele está mais interessado no que somos do que no que fazemos. Os filhos de Eli foram mortos e Israel derrotado pelos filisteus, porque levaram a arca da aliança para o arraial, achando que a simples presença da arca os livraria das mãos do inimigo. A arca foi roubada, o povo foi derrotado e eles foram mortos. A glória de Deus apartou-se de Israel, porque eles estavam vivendo em pecado, eles estavam fazendo a obra de Deus com suas vidas maculadas de iniquidade. Eles, em vez de irem para a guerra, deveriam ter ficado parados, fazendo um exame metucioso de suas vidas, arrependendo-se de seus pecados. Ativismo sem santidade gera trovões, mas não traz a chuva fresca e restauradora. Trabalho sem vida não produz frutos que agradam a Deus.

Depois da restauração do cativeiro babilônico, o povo judeu voltou para Israel em três levas: uma sob a liderança de Zorobabel, para a reconstrução do templo; outra sob a liderança de Esdras, para o ensino da lei e outra sob o comando de Neemias para a reconstrução dos muros da cidade. Nesse tempo, os profetas Ageu e Zacarias exortaram o povo a envidar esforços para a reconstrução do templo. Houve um grande despertamento. Houve restauração. Houve cura e o povo experimentou um abençoado avivamento. Porém, cerca de cem anos se passaram, uma nova geração despontou. Novos líderes surgiram e a nação voltou a perder o fervor. Continuaram com o aparato religioso, mas perderam a comunhão com Deus. Eles continuaram trabalhando, indo ao templo, fazendo sacrifícios, mas Deus não estava se agradando deles nem de suas ofertas. Deus então levantou o profeta Malaquias para denunciar o pecado deles. Este mensageiro do Senhor embocou sua trombeta contra Israel para dizer que Deus eslava mais interessado no que eles eram do que no que eles faziam. Malaquias ergue seu libelo de condenação e revela os pecados do povo:

1° Desprezo do amor de Deus (1.2-4).

2° Desprezo do nome de Deus e do altar (1.6-14).

3° Desprezo da fidelidade conjugai (2.10-16).

4° Desprezo do juízo de Deus (2.17 a 3.5).

5° Desprezo da comunhão com Deus (3.6-7).

6° Desprezo da fidelidade nos dízimos (3.8-12).

7a) Desprezo na fidelidade ao serviço de Deus (3.8-18).

Deus chega a um tal ponto de desgosto com o ativismo religioso do povo, sem o respaldo da vida, que diz: "Oxalá houvesse entre vós quem feche as portas, para que não acendêsseis debalde o fogo do meu altar.

Eu não tenho prazer em vós, diz o Senhor dos Exércitos, nem aceitarei da vossa mão a vossa oferta" (Ml 1.10).

O mesmo Deus fez com Caim. Por que não aceitou a vida de Caim, rejeitou a sua oferta (Gn 4.5). Jesus disse que é melhor deixar a oferta no altar e ir primeiro acertar as pendências com as outras pessoas e só depois consagrá-la a Deus (Mt 5.24). Deus está mais interessado no que você é do que no que você faz. Trabalho sem vida é infrutífero. Ativismo sem santidade não agrada o coração de Deus. Precisamos aprender com a águia.

II - A segunda coisa que a águia faz é isolar-se no alto dos penhascos - A águia é uma ave solitária. Ela não voa em bandos. Sobretudo, quando ela está nesse processo de auto-renovação, ela alça um vôo altaneiro, galga as alturas mais excelsas e refugia-se no cume dos mais altos penhascos. Ali ela fica sozinha, isolada, enfrentando a sua própria realidade.

Esta é uma lição tremenda para nós. Há momentos que precisamos sair do meio da multidão, deixar a coletividade e mergulharmos em nossa própria intimidade. Há momentos que precisamos deixar o barulho febril dos encontros festivos para nos recolhermos para um profundo auto-exame.

É prudente fazer como Jacó, que numa noite fatídica em sua vida, quando se via encurralado pelo medo, entrincheirado pela sua consciência, ameaçado pelo seu irmão, não podendo mais prosseguir sem ter um acerto e concerto em sua vida, ficou só, no vau de Jaboque. Ali Deus lutou com ele. Ali Deus venceu as resistências de Jacó. Ali Deus tocou a vida de Jacó. Ali Deus mudou o nome, a vida e a história de Jacó. Ali Deus salvou Jacó. Ali Deus libertou Jacó do medo e das garras do seu irmão (Gn 32.22-33).

Foi na solidão do deserto que Deus chamou Moisés para libertar o seu povo da tirania de Faraó. Foi na solidão da caverna que Deus falou com Elias para não se capitular às ameaças de Jezabel, mas para erguer a cabeça e cumprir cabalmente o seu ministério.

Precisamos fazer também os nossos retiros, não na direção das multidões, mas da solidão, para um acerto da nossa vida com Deus. Charles Grandisson Finney sempre que percebia que a unção do Espírito se escasseava em sua vida, parava suas pregações, deixava as cruzadas de evangelização e se isolava, ficando a sós com Deus. Ali derramava a sua alma. Ali quebrantava o seu coração e buscava a restauração do alto. Só saía depois que sentia o óleo fresco do Espírito escorrendo sobre sua cabeça.

O próprio Filho de Deus, mesmo com trabalhos tão intensos a ponto de muitas vezes não ter tempo para comer, jamais deixou de ter seus momentos a sós com o Pai. Ele passava noites inteiras em oração. Isolava-se do barulho febril das multidões e das afanosas lides e ia para os montes, onde só, ficava face a face com o Pai, em deleitosa comunhão. Cremos que, se desejamos falar às multidões, precisamos aprender a ficar a sós com Deus. Nossas palavras às pessoas tornar-se-ão um eco vazio se não gastarmos tempo com Deus. Precisamos aprender a falar dos homens com Deus primeiro, para depois falarmos de Deus para os homens.

III - A terceira coisa que a águia faz é arrancar suas penas velhas - A águia, ao chegar ao cume do penhasco, começa a arrancar com o seu bico, uma a uma as suas penas. Não poupa a si mesma desta dor intensa. As penas são todas arrancadas. Seu corpo vai ficando desfigurado, à medida que ela aplica em si mesma estes golpes severos. Sua medida é drástica, sua

postura é radical. Sua atitude não é nada complacente consigo mesma. Trata-se com austeridade. Não se poupa das dores mais fortes.

Creemos que este gesto da águia tem muito a nos ensinar. Se desejamos ter uma vida nova com Deus, uma vida abundante, cheia de vigor e poder, precisamos também ter a coragem de descartar muito peso inútil da nossa vida. precisamos ser despojados de muita bagagem que carregamos e que nos retarda na caminhada. Precisamos deitar fora nossas vestes contaminadas pelo pecado, nossas roupagens maculadas de iniquidade. Se queremos subir à presença de Deus em Betei, como Jacó, precisamos lançar fora os ídolos da nossa casa, tirar as vestes sujas do pecado e purificar as nossas vidas (Gn 35.1-3). É preciso ter coragem para arrancar as penas velhas que nos cobrem. É preciso ter ousadia para remover de nós hábitos já arraigados. É preciso ter determinação para romper e quebrar as ataduras de vícios que se encrustraram em nossa vida, trazendo-nos profundo enfraquecimento.

Não há restauração sem reforma. Antes de edificar e construir é preciso derrubar e demolir. Antes da semente frutificar, ela precisa morrer. Antes da renovação vem o despojamento. Antes do avivamento, vem o quebrantamento.

A águia, depois que acaba de arrancar todas as penas, fica num estado deplorável. Seu corpo parece mutilado. Sua aparência fica desfigurada. Contudo, depois de alguns dias, começa a nascer penas novas, lindas e fortes. Ela se remoça. Tudo se faz novo. Ela ganha uma nova aparência. Torna-se bela, encantadora, deslumbrante. Assim, também, acontece com aqueles que esperam no Senhor e que passam por este processo de quebrantamento. Aqueles que se humilham são exaltados. Aqueles que tiram as vestes sujas, são

cobertos por vestes alvas. Aqueles que sacodem o jugo de uma vida presa ao pecado, desfrutam das delícias de uma intimidade com Deus. Aqueles que se despojam do velho homem, são renovados para uma vida nova, cheia de vigor e poder. Aqueles que se quebrantam e se arrependem e abandonam o pecado são restaurados por Deus para viverem em novidade de vida.

IV- A quarta coisa que a águia faz é esfregar o seu bico na rocha - A águia não apenas arranca as suas penas velhas, mas, quando percebe que seu bico já está ficando fraco, impotente e cheio de crosta, ela o esfrega fortemente na rocha; esfrega-o, esfrega-o, até ficar em sangue vivo. Após este processo doloroso, ela fica totalmente desfigurada, mas dias depois cresce um bico novo e forte como o aço.

Cremos que não deve ser diferente conosco. Nós também precisamos passar por esta experiência. Precisamos colocar a nossa boca no pó. Precisamos remover muitas coisas velhas dos nossos lábios. Retirar palavras torpes, piadas imorais, críticas desairosas, acusações levianas. Precisamos limpar os nossos lábios de crostas que enfraquecem e comprometem a nossa comunicação. Nossa língua deve ser uma fonte a jorrar palavras de vida. Devemos ser atalaias da verdade e não portadores da mentira. Devemos ser pregoeiros da esperança e não arautos do caos. Devemos ser mensageiros da paz e não instrumentos da discórdia. Nossa língua deve ser remédio e não veneno, canal da vida e não arma da morte.

Precisamos botar também a boca no pó, pedindo a Deus que toque os nossos lábios com as brasas vivas do altar, tirando deles a iniquidade e a impureza, e derramando sobre eles a unção fresca do Espírito, a fim de que falemos com graça e poder, anunciando a boa

nova da salvação. Precisamos ser boca de Deus (Jr 15.19). Precisamos que a Palavra de Deus em nossa boca seja a verdade (I Reis 17.35). Precisamos ser voz de Deus se não apenas um eco (Lc 3.4). Mas para isto é preciso esfregar o nosso bico na rocha. Que Deus nos dê ousadia para passarmos pela escola do quebrantamento.

V- A quinta coisa que a águia faz é bater suas garras na rocha - A águia também, nesse processo de auto-renovação, quando percebe que suas garras já estão fracas e impotentes, bate-as com força sobre a rocha várias vezes até que aquela camada envelhecida e calosa é arrancada, ficando em carne viva. Ela fica toda ensangüentada, sob o flagelo de dores crudelíssimas. Todavia, após este processo de autoflagelação e quebrantamento, as garras começam a brotar com toda pujança e vigor, fortes como o ferro e ela fica completamente renovada. Agora, remoçada, revitalizada, ela desce das alturas para dar continuidade à sua vida e às suas atividades.

Devemos nós também afiar as nossas garras, retirando delas toda crosta calosa. As garras são os instrumentos de batalha que a águia usa para capturar suas presas. São as armas de combate da águia. Nossas armas espirituais não podem estar ensarilhadas nem enferrujadas. Precisamos estar afiados e preparados a qualquer momento para o combate. A vida cristã não é colônia de férias, é campo de guerra. Estamos em luta. Nessa guerra não há tempo de trégua, não existe o cessar fogo, não existe folga. Nessa batalha não há campo neutro.

Nossas armas não são carnais. Elas são poderosas em Deus para destruir fortalezas e anular sofismas. Temos armas de defesa (Ef 6.14-16) e armas de ataque (Ef 6.17-18). Devemos usá-las com destreza. Não

podemos dormir em campo de guerra. Este mundo é um campo minado pelo inimigo. O mundo jaz no maligno. Importa estar preparado com as garras afiadas e fortes. Para isto é preciso subir para as alturas. Precisamos estar na presença de Deus, porque dele vêm a nossa restauração e a nossa força. Não somos nós que temos o poder de mudar nossa vida. Não se trata de confissão positiva, meditação transcendental, ou simples mente mergulhar no oceano de nossa subjetividade, É preciso subir às alturas com humildade, com arrependimento, com disposição de mudança, porque a transformação vem de Deus. Só o Espírito Santo pode nos refazer. Só de Deus vem a nossa cura. Só do altíssimo brota a nossa restauração.

Capítulo 10

Meus Filhos, Meus Discípulos

Uma das características mais interessantes da águia é o seu cuidado com os filhotes. Cremos que precisamos aprender com a águia muitas coisas que estão sendo esquecidas nesta geração. Existem alguns princípios básicos na criação dos filhos que os pais não podem esquecer. Estes princípios são balizas seguras na caminhada, são marcos que não podem ser removidos, são sinais que não podem ser destruídos nem apagados. Hoje, mais do que em qualquer outra geração, há uma orquestração do inferno para destruir a família. Há uma conspiração contra esta primeira instituição divina. O diabo e seus perversos agentes têm derramado sobre a família toda a sua fúria. O inferno tem vomitado todo seu ódio nefando sobre os lares. Parece que uma tempestade convulsiva ameaça solapar os alicerces da família. A sociedade moderna não aceita mais os absolutos éticos. Ela vive sem freios, com as rédeas soltas, onde não há linhas divisorias entre o certo e o errado. O que predomina não é a verdade, mas a satisfação imediata dos desejos pervertidos. Essa sociedade hedonista, amante do prazer, a cada dia está se desfibrando mais moralmente. A fidelidade conjugal, para muitas pessoas, é um costume arcaico sem nenhuma procedência nesta era chamada pós-moderna e pós-cristã. A virgindade e a castidade da juventude parecem coisas vergonhosas. A rebeldia dos filhos contra os pais e a forma irrefletida e até irresponsável como muitos pais vivem é uma realidade desastrosa e lamentável em nossos dias.

Creio que precisamos parar e olhar para uma ave e aprender com ela como devemos cuidar da família.

I- A águia não põe o ninho dos seus filhos perto dos predadores - "Ou é pelo teu mandado que se remonta a águia e faz alto o seu ninho? Habita no penhasco onde faz a sua morada, sobre o cume do penhasco, em lugar seguro" (Jó 39.27-28).

A águia não coloca o ninho dos seus filhos à beira do caminho, em lugares baixos e perigosos. A águia não expõe seus filhos às bestas-feras e aos predadores. Ela não os deixa em lugares vulneráveis. Pelo contrário, ela só faz o seu ninho no alto dos rochedos, no cume dos penhascos. Ela é zelosa em colocar o ninho de seus filhos nas alturas, em total segurança.

Que lição tremenda para nós!

Na sociedade competitiva em que vivemos hoje, procuramos nos preparar para muita coisa. Fazemos cursos e mais cursos. Passamos por diversos treinamentos, freqüentamos seminários, lemos livros e ouvimos muitas palestras. Todavia, são poucos aqueles que se preparam convenientemente para o casamento. São poucos aqueles que se preparam para terem filhos. A maioria dos pais está desqualificada para educá-los convenientemente.

Certa feita, alguém perguntou a Agostinho de Hipona: "Quando devo começar a educação do meu filho?" Ele respondeu: "Vinte anos antes dele nascer". Primeiro você se educa. Só depois você pode educar os seus filhos. Se vivemos nos lugares baixos, no meio dos predadores, como vamos construir o ninho dos nossos filhos em lugares altos! Se nós, pais, não sabemos o que são as alturas da intimidade com Deus, como podemos conduzir nossos filhos para lá. Se vivemos com os

nossos pés sujos de lama, como vamos construir o ninho dos nossos filhos no alto dos rochedos?

É muito triste constatar que muitos pais vivem misturados com predadores e constroem o ninho de seus filhos em lugares de perigo. Quantas crianças hoje são bombardeadas diariamente pela mídia por idéias pervertidas que minam os valores mais elementares da sã doutrina e desbarrancam os princípios básicos da conduta ilibada. Quantos jovens são arrastados pelas correntezas do vício e feitos escravos dos predadores, tombando nas valas fétidas de uma vida desregrada e subumana. Quantos adolescentes se capitulam ao apelo do sexo e se entregam à volúpia, oferecendo seus corpos no altar da promiscuidade, sofrendo depois derrotas fragorosas, colhendo os frutos amargos de uma consciência culpada e de uma vida destruída, porque seus pais construíram seus ninhos perto dos predadores.

Estamos assistindo, horrorizados, a sodomização da sociedade moderna. Os valores de Deus são pisados. Os princípios bíblicos de uma vida pura são tripudiados. Aqueles que tentam resistir a esta avalanche são escarnecidos.

Dirijo-me a você, pai ou mãe: onde está o ninho de seus filhos? Onde estão os seus filhos? Por onde eles andam? O que eles estão fazendo? Com quem eles andam? A que horas eles chegam a casa? Quem são os amigos de seus filhos? Quem são os conselheiros de seus filhos?

A Bíblia nos conta a história dramática de um homem piedoso, fiel, que amava a Deus, tinha o dom de liderança, governava com firmeza uma nação, mas descuidou na criação de seus filhos. Este homem é Davi. A história de sua família está manchada de paixão

patológica, ódio, estupro, assassinato, conspiração, guerras e muito sangue derramado.

Toda essa trama diabólica começou de forma sutil, com um conselho imoral que Jonadabe, um amigo de Amnom, filho de Davi, lhe deu (II Sm 13.1-22). Este conselheiro da perdição vivia no palácio, na casa do rei, tinha livre trânsito entre os filhos de Davi. Ele era uma víbora no ninho dos filhos do rei. Não tardou para inocular em Amnom o seu veneno mortífero. Amnom apaixonou-se por sua irmã Tamar. Jonadabe vendo o abatimento de Amnom, perguntou-lhe a causa do problema. Este narrou-lhe sua paixão pela irmã. Prontamente este perverso conselheiro abriu-lhe uma porta. Ordenou-lhe que se fizesse de doente e, ao receber a visita de seu pai Davi, deveria solicitar dele que enviasse Tamar para visitá-lo, fazendo-lhe uma saborosa comida. Disse mais Jonadabe: quando Tamar entrar no quarto com o apetitoso cardápio, dispensa as demais visitas da casa e, então, agarra sua irmã à força e a possui.

Assim Amnom fez: estuprou sua irmã, humilhando-a, para em seguida sentir por ela profunda aversão e rechaçá-la de sua casa e de sua vida. Esse fato gerou ódio no coração de Absalão, irmão de Tamar. Mais tarde Absalão mata Amnom. Davi persegue seu filho Absalão e este se refugia em asilo político e, depois de dois anos, Absalão volta, mas é proibido de ver a face do rei. Mais tarde, Davi o recebe, mas não conversa com ele. Ele sai dali decepcionado com o pai e começa uma conspiração, furtando o coração do povo. Tempos depois, Absalão se levanta contra o pai, para tomar-lhe o trono. Coabita com as concubinas do pai em plena luz do sol. Davi, já velho, precisa sair a pé, de noite, de Jerusalém para poupar sua vida ameaçada pelo próprio filho. Nessa perseguição, Absalão morre. Davi chora

amargamente a morte do filho conspirador. Mais tarde seu filho Adonias cobiça o trono, mas Davi o dá a Salomão, seu irmão. Salomão assume o governo e mata Adonias. Na verdade esta é uma história trágica, dolorosa, banhada de muitas lágrimas, marcada de muito sangue. A causa da desgraça: é que Davi construiu o ninho de seus filhos perto dos predadores. Isto é um solene alerta para nós.

II- A águia voeja sobre os filhos - "Como a águia desperta a sua ninhada e voeja sobre os seus filhotes, estende as suas asas, e, tomando-os, os leva sobre elas..." (Dt 32.11). Quando os filhotes da águia já estão grandes, na hora de sair do ninho a águia, então começa a voejar sobre o ninho, mostrando a eles duas coisas:

1º) *Está na hora de sair do ninho* - A águia não exerce um papel superprotetor em relação aos filhos. Ela não mantém os filhos para sempre debaixo das asas. Ela não cria nos filhos uma superdependência. Chega um momento que os filhos precisam ter as suas próprias experiências e precisam sair do ninho para exercitarem e ganharem maturidade. Não deve ser diferente nossa atitude como pais. Causa um grave prejuízo para os filhos a atitude de alguns pais que os vivem cercado de todo cuidado, como se eles fossem eternas crianças indefesas, despreparadas e imaturas. Estes pais demonstram aos seus filhos um amor doentio, possessivo, controlador, mantendo-os sempre no ninho, debaixo de suas asas. Os pais devem criar os filhos preparando-os para a vida e não fazer deles eternos dependentes, pois assim estes filhos tornar-se-ão pessoas inseguras e incapazes de assumir responsabilidades na vida.

2º) *Ensina aos filhos como voar* - A águia não apenas diz para os filhos que está na hora de sair do

ninho, mas mostra-lhes como devem sair. Ela fica voando em círculo sobre o ninho, mostrando-lhes como se voa. Ela, com este gesto, dá exemplo para seus filhotes.

Com isto também, precisamos aprender com a águia. Muitos pais ensinam seus filhos; dizem-lhes até coisas bonitas, mas não lhes dão exemplo. Ensinam uma coisa e fazem outra. Ensinam os filhos a irem à igreja, mas não vão. Ensinam os seus filhos a falarem a verdade, mas os filhos os flagram falando mentira. Ensinam os filhos a serem honestos, mas vivem enrolados no cipó das falcatruas. Os pais precisam compreender que não há ensino verdadeiro sem exemplo. O mundo precisa de pais que estejam dispostos a ser modelos positivos, porque modelos nós sempre somos. Nós sempre vamos esculpir nos filhos as marcas da nossa vida. Os olhos deles estão cravados em nós, Eles nos observam. O que eles estão vendo em nós?

III - A águia tira a maciez do ninho e só deixa os espinhos - Quando a águia percebe que seus filhotes estão na hora de voar e estes continuam acomodados no ninho, a despeito de seu exemplo, ela decide remover do ninho toda a cobertura macia e deixa apenas os espinhos e os gravetos pontiagudos. Ela gera um desconforto para os filhos. Ela não deixa de amá-los por isso, mas prefere vê-los incomodados a ficarem acomodados no ninho. O conforto do ninho significa agora estagnação, imaturidade, inoperância e atrofiamento. A águia não hesita em aplicar esta lição aos filhos, ainda que seja uma lição dolorosa. Ela só não admite ver os filhos deitados em berço esplêndido, quando o mundo lá fora os espera para uma ação dinâmica e urgente.

Muitos pais cercam seus filhos com tanto cuidado que não os preparam para enfrentar a vida. Acham que seus filhos não devem trabalhar nem assumir responsabilidades porque são ainda muito tenros. Dão tudo de mão beijada para os filhos. Muitos pais estragam os filhos com esta atitude em nome do amor. A Bíblia fala de grandes homens como Isaque, Eli, Samuel, Josafá, que falharam dolorosamente na criação de seus filhos, porque não tiveram pulso para discipliná-los nem os prepararam para enfrentar as lutas da vida, antes cercaram seus filhos com uma redoma hiperprotetora e mantiveram-nos quentinhos na estufa do ninho, quando deveriam ter removido a penugem macia e deixado que os espinhos bradassem aos ouvidos de seus filhos que era hora de sair do comodismo.

Vejo nesta lição uma aplicação muito séria também para a igreja. Aliás, se existe um povo que gosta de ficar no ninho é o povo cristão. Realmente o ninho é gostoso, quentinho, seguro. Ficamos todos juntinhos e embolados. É maravilhoso! Mas chega um momento que é preciso sair!

Prestem atenção na igreja hoje: 90% de suas atividades são dentro do ninho. O metro quadrado mais evangelizado do mundo são os templos evangélicos. Vivemos a fobia de sair das quatro paredes. Quase toda a nossa dinâmica é intramuros. Muitos crentes já foram ao templo mais de mil vezes, mas nunca atravessaram a rua para falar de Jesus ao vizinho. Muitos de nós gastam o assento dos bancos da igreja, enquanto as Testemunhas de Jeová, uma seita herética, gastam a sola de seus sapatos. Noventa e cinco por cento dos crentes não sabem o que é levar uma alma a Jesus. São igrejeiros. São amantes do ninho.

Gosto de ver a dinâmica do ministério de Jesus e dos apóstolos. Eles não se deixavam enclausurar dentro

de quatro paredes. Eles passaram mais tempo na rua, onde o povo estava, do que no templo ou na sinagoga. Se queremos ver as multidões se convertendo a Jesus, precisamos sair do ninho e ir lá fora onde os pecadores estão e ali levá-los aos pés do salvador.

IV- A águia tira os filhos do ninho - É estonteante constatar que, mesmo afligido com espinhos e alfinetado por feras pontiagudas, os filhotes da águia ainda teimam em continuar no ninho. Esta mesma realidade é vista na igreja hoje. Muitas vezes, Deus, ao ver o comodismo da igreja envia sobre ela perseguição, remove dela todo conforto, deixa-a sobre um tapete estendido de espinhos para que ela se desinstale de seu comodismo. Foi assim que Deus fez em Jerusalém. O avivamento estava em pleno vigor, multidões estavam se convertendo. Mas a igreja estava restrita a Jerusalém. O plano de Deus era que a igreja ultrapassasse aquela fronteira e fosse até aos confins da terra. A igreja demorou em cumprir este cronograma dado por Jesus em Atos 1.8. Então, Deus mandou a perseguição e quando a igreja sentiu os espinhos acicatando-a, saiu do ninho e o Evangelho espalhou-se por todo o mundo. Esta lição repetiu-se várias vezes ao longo dos séculos.

Triste, porém, é perceber também que muitas igrejas criam resistência até mesmo aos espinhos. Mesmo afligidas por feras, não saem do ninho. Estão como que anestesiadas. Conspiram contra todos os recursos pedagógicos de Deus

Voltemos à lição da águia.

O que a águia faz com o filho que resiste aos seus métodos mais suaves? Ela simplesmente pega o filho com suas garras possantes, suspende-o no ar e das alturas o solta sem pára-quadras. O filhote noviço e neófito ainda não sabe bater suas asas articuladamente

e por isso, cai desamparado numa sensação de que vai se esborrachar no chão. Quando o filhote cheio de medo chega ao fim de suas esperanças, a águia dá um vôo razante, estende suas asas debaixo do filhote e leva-o novamente para as alturas. E outra vez, o solta no espaço aberto. Novamente, ele cai batendo suas asas atabalhoadamente sem conseguir aprumar-se. A águia novamente estende suas asas e o toma em segurança e o leva de volta para as alturas e o lança no espaço outra vez. Isto ela repete duas, três, cinco, dez vezes até o filhote aprender a voar sozinho. Este gesto ensina-nos algumas lições práticas:

1º) *Não podemos desistir dos nossos filhos* - Muitos pais já estão cansados e desanimados com seus filhos. Já empregaram muitos recursos, usaram muitos métodos para ver os seus filhos andando com firmeza e responsabilidade, mas viram com tristeza todo o seu esforço fracassar. Por favor, não desista de seus filhos. Não abra mão deles. Não abdique do direito que você tem de vê-los como pessoas maduras. Não ensarilhe as armas. Não fuja da luta. Você está no limiar da vitória. Você não criou filhos para o cativoiro. Seus filhos são herança de Deus. Eles são filhos da promessa. Eles estão incluídos no pacto que Deus fez com você. Não abra mão de vê-los andando com Deus em novidade de vida. Tenha um pouco mais de paciência. Caminhe com eles a segunda milha. Repita a mesma lição quantas vezes for preciso. Deus vai recompensar você pela sua paciência e perseverança.

2º) *Não podemos ser amargos com os nossos filhos* - Talvez os espinhos que você colocou no ninho de seus filhos sangraram não a eles, mas o seu coração. Você está machucado, ferido e magoado. Suas forças se esvaíram. Seus recursos se esgotaram. Só lhe resta decepção e amargura. Cuidado, não seja amargo com

seus filhos. Não provoque a ira deles. Continue a investir neles. Ainda há esperança. A promessa de Deus não falha. A Palavra de Deus é fiel e verdadeira. Não os trate com amargura. Não perca o controle. O amor tudo vence.

3º) *Não podemos reter o perdão aos nossos filhos* - Há pais que sofreram tanto com seus filhos que estão derrotados pelo rancor. Há pais que já desistiram de amar os seus filhos e buscá-los com os braços abertos da reconciliação e com o beijo do perdão. Devemos olhar para a parábola do filho pródigo e imitar o exemplo daquele pai que perdoa e restaura seu filho à dignidade que ele tinha antes. O perdão é imerecido, ele é fruto da graça. Por isso, o pai não humilhou o seu filho. Não o expôs ao ridículo. Não o esmagou com acusações pesadas. Mas vestiu-lhe com roupas limpas, colocou-lhe sandálias nos pés, um anel de dignidade no dedo e promoveu uma festa. Abra seu coração também para perdoar. Tire a sua alma do cárcere da amargura. Saia, em nome de Jesus, desse silêncio que está sufocando você e destruindo seu filho. Absalão, quando estava em Jerusalém sem poder ver a face do seu pai, disse: eu prefiro que meu pai me mate, mas que ele não deixe de falar comigo. Eu não suporto mais o silêncio de meu pai. Pior do que o estardalhaço é o silêncio frio e gelado. Em nome de Jesus, perdoe seus filhos, ouça-os. Ame-os. Restaure-os.

No ano de 1989, no Rio de Janeiro, aconteceu um fato doloroso. Um menino de onze anos, chamado Netinho, acordava todo dia às cinco horas para ir para um colégio militar para estudar e só voltava a casa às dezoito horas. Mesmo muito jovem, cumpria um horário rigoroso debaixo de normas bastante severas. Seus pais eram muito austeros com ele. Um dia este jovem, em prova, foi apanhado por um dos professores com uma

cola. Suspenderam-no de imediato, publicaram o fato na escola e mandaram-no para casa. Ao chegar a casa, seus pais disciplinaram-no com redobrado rigor. Em vão o jovem tentou conversar e explicar para seus pais o ocorrido. Eles disseram-lhe: não fale nada. Nós estamos com vergonha de você. Aquele menino, triste, desolado, sem compreensão, sem afeto, sem perdão, num ato de desespero apanhou a arma de seu pai e deu um tiro na cabeça e morreu, deixando para os pais uma carta: "Queridos pais, desculpem pela minha atitude. Em vão eu tentei falar com vocês. Perdoem-me por ter exposto vocês a uma vergonha pública. Estou tirando minha vida porque não pude receber de vocês perdão, por um pecado que não cheguei a cometer". Este acontecimento abalou a sensibilidade adormecida da nação e ergueu uma voz altissonante ao coração dos pais, mostrando que o perdão é uma condição indispensável para que uma pessoa erga a cabeça e continue viva em sua plenitude.

4º) Precisamos discipular os nossos filhos. A águia não ensina seus filhos teoricamente. Ela investe tempo e trabalho nos filhos. Ela os treina. Ela os discipula.

Hoje a sociedade carece de pais discipuladores. Precisamos tomar nossos filhos pela mão e andar com eles pelas veredas da justiça. Não basta nos pais apontar o caminho e dizer: aquele é o caminho curto, sigam por ele. A Bíblia diz: "Ensina a criança no caminho em que ela deve andar e ainda quando for velha jamais se desviará dele" (Pv 22.6). Não diz o texto para ensinar à criança o caminho em que ela quer andar, nem o caminho em que ela deve andar mas no caminho em que ela deve andar. Ensinar o caminho é apontar numa direção e dizer: vá por ali. Ensinar no caminho é dizer vem comigo. Vamos juntos. À medida

que caminhamos lado a lado vou lhe ensinando com o meu exemplo. Isto é fazer discípulos.

Nossa geração anda muito ocupada com muitas coisas. Vivemos numa sociedade mercantilista, materialista, consumista e competitiva. Muitas pessoas correm de manhã à noite, atarefadas com muitos afazeres. Lutam de sol a sol para ganharem dinheiro e darem um pouco mais de conforto à família. Todavia, muitos nesta labuta acabam invertendo os valores. Começam a criar gosto e amor pelo dinheiro a ponto de por amor dele sacrificar a família. A Bíblia diz que herança do Senhor são os filhos. Muitos hoje estão investindo quase todo o tempo no dinheiro e muito pouco tempo na criação dos filhos. Para compensar a ausência na vida dos filhos, os pais enchem-nos de presentes. Dão a eles todo o conforto, mas sonégam-lhes atenção. E estes filhos tornam-se pessoas rasas, despreparadas para a vida, sem nenhum apego à família, presas fáceis dos predadores. Vi certa feita uma frase na traseira de um caminhão: "Adote seu filho, antes que um traficante o faça." É tempo de resgatarmos os antigos valores, quando os pais tinham tempo para conversar com os filhos, quando a família se reunia não numa passividade letárgica em frente da televisão, mas ao redor da Palavra de Deus, no aliar da comunhão, da devoção e da oração. Que Deus nos dê a bênção de vermos nestes dias pais que estejam prontos a pagar o preço de serem como Jó, sacerdote de seus lares. Que Deus nos dê a alegria de vermos mães com a fibra de Joquebede que incutiu na mente de seu filho Moisés os grandes tesouros da Palavra de Deus que lhe serviram de farol ao longo da sua jornada. Que Deus nos conceda a bênção de vermos mães como Loide e Eunice que ensinam as sagradas letras aos seus filhos desde a mais tenra idade e os levam aos pés do Salvador.

Esta lição da águia tem também uma forte aplicação à vida da igreja. O discipulado é uma necessidade vital para o crescimento e amadurecimento dos crentes. Devemos estar comprometidos uns com os outros. Devemos investir na vida uns dos outros. Devemos fazer discípulos como Jesus, Esta é a norma funcional da igreja de Deus: "E o que de minha parte ouviste, através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros" (II Tm 2.2). É uma anomalia pessoas virem para a igreja e ficarem estagnadas, inoperantes e infrutíferas a vida toda. O propósito de Deus é que estas pessoas sejam discipuladas para que depois elas possam discipular outras e assim por diante. Na igreja de Deus essa deve ser a dinâmica.

Conclusão

Chegamos juntos ao fim desta jornada. A expectativa do meu coração é que você não seja mais o mesmo. Aliás, disso eu tenho certeza. Depois desta leitura você está melhor ou pior. Neutro você não pode estar. É impossível. Sempre que ouvimos a voz de Deus tornamo-nos melhores ou piores. A sua Palavra é espada de dois gumes. Ela dá vida a quem obedece e sentencia com morte os desobedientes. Somos julgados pela Palavra. Quanto mais oportunidade temos, mais culpados seremos se não ouvirmos a voz de Deus.

Minha oração é que esta mensagem possa arder em seu coração, inflamar a sua alma e levantar os seus olhos para as alturas, mirando bem o exemplo da águia. Entretanto, talvez até hoje você viveu mergulhado nas sombras, escondido no anonimato como Saul, atrás das

bagagens dos seus complexos (I Sm 10.22). Quem sabe, você até hoje viveu fugindo como Caim, com a consciência cheia de culpa por causa de seus erros do passado (Gn 4.14). Quem sabe você tem tomado navios para Társis, como Jonas, tomando direção radicalmente oposta à vontade de Deus para sua vida (Jn 1.3). Quem sabe você tem aprisionado sua alma na armadilha da feitiçaria como o rei Manasses e agora se encontra oprimido e enjaulado pelos seus próprios pecados (II Cr 33.117). Quem sabe você caiu na rede de uma relação sexual ilícita como Davi e agora seu coração está cheio de medo das dolorosas conseqüências (II Sm 11.1-25). Quem sabe você se envolveu com gente perversa e má e agora não sabe como sair desta trama diabólica. Quem sabe você, por causa da ganância ou até mesmo dos apertos, se meteu em negócios ilegais e agora está aflito e sem paz. Quem sabe você tem negado a Jesus com a sua vida como Pedro fez na casa do sumo sacerdote (Lc 22.54-62). Quem sabe você tem mentido ao Espírito Santo como Ananias, quando leva a sua própria oferta ao altar (At 5.1-11). Quem sabe você tem sido como Diótrefes, está na igreja, sempre ocupando um cargo de liderança, mas não por amor a Jesus e às suas ovelhas, mas para dar vazão ao seu próprio orgulho (III Jo 9-12). Quem sabe você tem sido como o filho pródigo, cuspiendo no prato que come, insatisfeito com sua casa, com seus pais, pronto a sair de casa e dissipar sua herança e sua vida na dissolução do pecado (Lc 15.11-24). Quem sabe você tem sido como o jovem rico, perdido dentro do igreja (Lc 18.18-23). Quem sabe você tem sido como Demas que, por causa das atrações do mundo, abandonou a igreja, pôs a mão no arado, mas olhou para trás e hoje se sente como sal insípido pisado pelos homens (II Tm 4.10). Ah, mesmo que seja essa a sua

condição, ainda há esperança para você. Volte-se para cima como a águia!

Como embaixador de Deus, como ministro da reconciliação, eu rogo em nome de Jesus que você não deixe escapar mais esta oportunidade. Eu uno minha voz à voz dos profetas e dos apóstolos, ao brado da igreja e a todas as trombetas de Deus que já ecoaram ao seu coração para que você rechace de sua vida tudo aquilo que entristece o Espírito Santo. Deus tem uma vida abundante, maiúscula e eterna para você. Não se contente com migalhas, há um lauto banquete à sua espera. Não viva como escravo, você é filho do

rei. Não se encolha vencido, você é mais do que vencedor. Não se capitule às ameaças do diabo, você já está assentado com Cristo nas regiões celestiais, acima de todo principado e potestade. Não se conforme com o caos, não ponha seus pés no laço, saia da caverna, saia da mediocridade, jogue fora os andrajos, volte para a casa do pai, tome posse de tudo aquilo que lhe cabe por herança. Você é membro da família real. Você foi criado para viver altaneiramente. Você é como a águia. Viva, então como um vencedor, voando nas alturas. Amém.

Contra-Capa

Há escritos que são consequência de pensamentos formulados à margem da vida. As páginas desta abra; porém, irão confrontá-lo com suas próprias ansiedades e expectativas, desafiando-o a voar alto, a ter a visão do reino e a refletir sobre sua existência como santo de Deus que necessita do toque diário da misericórdia do Senhor.

Esse é um livro que deve ser lido com meditação profunda, pois o Senhor deseja que nos tornemos como águias, que voam nas alturas.